



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

---

**PROJETO PEDAGÓGICO DO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**DOURADOS – MS  
2017**

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b>	<b>04</b>
1.1. Histórico da UFGD	04
1.1.1. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)	07
1.1.2. Missão e Visão de Futuro	10
1.1.3. A Faculdade de Educação (FAED)	11
1.2. Necessidade Social do Curso	11
1.3. Histórico do Curso	13
<b>2. Identificação do Curso</b>	<b>16</b>
3. Concepção do Curso	17
3.1. Fundamentação Teórico-Methodológica	17
3.2. Fundamentação Legal	22
3.3. Adequação do Projeto Pedagógico ao PPI e ao PDI	22
3.4. Adequação do Curso às Diretrizes Curriculares Nacionais	24
3.4.1. Núcleo I – Formação Geral	26
3.4.2. Núcleo II – Aprofundamento e Diversificação de Estudos das Áreas de Atuação Profissional	27
3.4.3. Núcleo III – Estudos Integradores para Enriquecimento Curricular	28
<b>4. Administração Acadêmica: Coordenador do Curso</b>	<b>28</b>
4.1. Atuação do Coordenador	28
4.2. Formação do Coordenador	29
4.3. Dedicção do Coordenador à Administração e Condução do Curso	29
<b>5. Objetivos</b>	<b>29</b>
<b>6. Perfil Desejado do Egresso</b>	<b>29</b>
<b>7. Matriz Curricular do Curso de Educação Física</b>	<b>30</b>
7.1. Estrutura Curricular, Carga Horária e Lotação	30
7.2. Resumo Geral da Estrutura Curricular	33
7.3. Quadros de Componentes Curriculares de Formação	33
7.3.1. Dimensão de Formação Geral	33
7.3.2. Componente da Dimensão Articulada com Ensino	34
7.3.3. Dimensão Pedagógica	34
7.3.4. Componente da Dimensão Prática	34
7.3.5. Componente como Prática Curricular	34
7.3.6. Componentes do Estágio Supervisionado	35
7.4. Matriz Curricular – Distribuição Ideal	35
7.5. Tabela de Equivalência	37
<b>8. Ementário, Bibliografia Básica e Complementar dos Componentes Curriculares</b>	<b>39</b>
8.1. Disciplinas Do Eixo Comum À Universidade	39
8.2. Disciplinas Do Eixo De Formação Comum À Área	40
8.3. Núcleo de Formação Específico	45
8.4. Núcleo de Formação Ampliada	61
8.5. Atividades Articuladas com o Ensino de Graduação	64
8.6. Disciplinas Eletivas do Curso	66
<b>9. Sistemas de Avaliação da Aprendizagem</b>	<b>73</b>
<b>9.1. Sistema de Auto Avaliação do Curso</b>	<b>74</b>
<b>9.2. Avaliação Externa</b>	<b>75</b>
<b>9.3. Avaliação Interna</b>	<b>75</b>
<b>9.4. Participação do Corpo Discente na Avaliação do Curso</b>	<b>75</b>

<b>10. Atividades Acadêmicas Articuladas ao Ensino de Graduação</b>	<b>76</b>
<b>11. Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento</b>	<b>77</b>
<b>12. A Prática como Componente Curricular do Curso de Ed. Física</b>	<b>78</b>
<b>13. Estágio Supervisionado</b>	<b>78</b>
<b>14. Trabalho de Graduação</b>	<b>79</b>
<b>15. Corpo Docente</b>	<b>80</b>
<b>16. Corpo Técnico-Administrativo</b>	<b>81</b>
<b>17. Instalações Físicas</b>	<b>81</b>
17.1. Instalações Gerais da UFGD	83
17.2. Instalações Específicas do Curso de Educação Física Existentes	83
17.3. Instalações Específicas do Curso de Educação Física a serem construídas a médio prazo	85
18. Bibliografia	86
<b>III–Regulamento do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Educação Física FAED – UFGD e Resolução 180 de 15/05/14</b>	<b>96</b>

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. Histórico da UFGD

A Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD nasceu do desmembramento do Centro Universitário de Dourados, antigo CEUD, campi da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. O CEUD, antes Centro Pedagógico de Dourados – CPD começou a funcionar no município em 1971 e passou a apresentar um elevado índice de crescimento, sobretudo nas décadas de 1980 e 1990.

Na década de 70, o campi de Dourados abrigava os cursos de História, Letras, Agronomia e Pedagogia. Em 1980, foram implantados os cursos de Geografia, Ciências Contábeis e Matemática. Em 1991, o Centro abriga o curso de Ciências Biológicas e nessa década começa a funcionar também o curso de Análise de Sistemas e os primeiros cursos de pós-graduação, o Mestrado em Agronomia e em História. Já em 2000, foram implantados os cursos de Medicina, Direito, Administração, os mestrados em Entomologia e Conservação da Biodiversidade e em Geografia e o primeiro doutorado da região, em Agronomia.

Em face dessa notável ampliação das atividades, tornou-se necessário promover a ampliação das instalações – sendo que, em conjugação com essa necessidade, começou a ganhar corpo a ideia da constituição, em Dourados, de uma cidade universitária, voltada ao ensino superior público, gratuito e de boa qualidade. O projeto então de Cidade Universitária ganhou amplo apoio da comunidade, das lideranças políticas de Dourados e das cidades vizinhas, e caminhou para sua plena concretização.

Apesar do crescimento do campus da UFMS de Dourados e da criação da UEMS, estas instituições públicas não conseguem atender à imensa demanda da região por ensino superior. Isso é comprovado pelo incremento significativo de instituições privadas de ensino superior. A cidade de Dourados apresentava como uma das mais estruturadas de Mato Grosso do Sul em termos de bens e serviços de apoio à produção.

No contexto do programa federal Avança Brasil (2000-2003), no qual o País foi delimitado geograficamente em nove eixos nacionais de integração e desenvolvimento, a cidade de Dourados e seu espaço regional foram inseridos no Eixo Sudoeste. Esse Eixo teve como uma de suas funções essenciais permitir a integração territorial com os países limítrofes, por constituir, na visão governamental, um espaço geográfico privilegiado, estratégicas no processo de desconcentração da produção, estratégica de

eficiência e competitividade, capacidade de difusão, importância do setor terciário, desafio do desemprego estrutural e integração com o Mercosul.

Assim, no interior dessas diretrizes estratégicas, a ampliação das pesquisas e dos estudos parece inserir-se positivamente, na medida em que produz conhecimento acadêmico sobre essa realidade. Trata-se de um espaço que abrigava uma modernização contínua em busca de competitividade, que foi incentivada pela implantação de uma Universidade autônoma administrativa e financeiramente, com destaque para a verticalização do conhecimento e da tecnologia produzida regionalmente.

A cidade de Dourados e seu entorno têm suas potencialidades econômicas representadas pela infraestrutura já instalada, assentada numa malha rodoviária bem estruturada; pela alta produtividade agropecuária e agroindustrial; pelo potencial de profissionais qualificados e mercado regional que devem solidificar a agroindústria e a indústria tradicional. Assim, a expansão do ensino universitário público em Dourados poderia assumir sistematicamente a função, no contexto regional, de laboratório difusor de experiências de alta produtividade no país em termos agropecuários e agroindustriais, em busca de mercados nacionais e internacionais.

Em razão disso, o Instituto de Planejamento de Mato Grosso do Sul (IPLAN/MS), em 2000, por ocasião da elaboração de seu plano de desenvolvimento regional, dividiu o território estadual em oito regiões de planejamento, mantendo, nesse conjunto, a denominação Região da Grande Dourados para o espaço geográfico cuja cidade-pólo é Dourados, representando uma área polarizada pela cidade de Dourados no contexto social, econômico e cultural de Mato Grosso do Sul. A comprovação da Universidade Federal da Grande Dourados – Projeto de Criação e Implantação - se afirmou no próprio fluxo de acadêmicos que convergiam para o campus de Dourados e que extrapolava a "região da Grande Dourados", abrangendo outras regiões denominadas Sul-Fronteira e Oeste.

Além dos aspectos ambientais e de biodiversidade da região da Grande Dourados, um outro aspecto singular consistia no fato de grande parte dos municípios que a compunha estarem situados na fronteira com a República do Paraguai, o que lhe conferia características econômicas, sociais, políticas e culturais que exigiam atenção especial do ponto de vista científico e acadêmico. Tendo em conta tais processos, os espaços fronteiriços foram considerados áreas privilegiadas para estudos sistematizados que contemplavam a diversidade cultural própria da formação histórica da sociedade fronteiriça. Há que se registrar, ainda, em 17 dos 36 municípios apontados como

integrantes da região, a presença da população indígena Guarani (Kaiowá/Ñandeva), que constitui ainda hoje como a maior população indígena do Estado e representa, historicamente, importante papel na construção da identidade socioeconômica e cultural da região.

Para atender aos anseios da sociedade regional visando ao desenvolvimento sustentável, surgia então o projeto de criação da UFGD apresentando vocações como responsabilidade cidadã e social; estudos de preservação dos recursos naturais, incluindo a biodiversidade; aplicação do conhecimento científico e tecnológico para exploração do potencial econômico da região; e desenvolvimento da agropecuária e da agroindústria.

Aproveitando o Programa de Expansão das Instituições Federais de Ensino Superior no Brasil, do governo federal, cria-se então em 2005 a UFGD, sob tutoria da Universidade Federal de Goiás – UFG, com investimentos públicos em infraestrutura física e de pessoal e na criação de novos cursos de graduação e de pós-graduação, com pretensões de incorporação do Hospital Universitário à estrutura da nova Universidade.

A Instituição, inicialmente com seus sete cursos de graduação, passa a se expandir consideravelmente depois com a sua inclusão no Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI. Vê ampliado seus cursos de graduação, de pós-graduação, o número de docentes e técnicos administrativos e a oferta de vagas para estudantes de todo o Brasil. Com uma política de educação inclusiva, a UFGD começa a ofertar vagas também para ensinos diferenciados, como para comunidades indígenas e de assentamentos rurais, e para municípios polo da região através da Educação a Distância.

Nesses 11 anos de existência, a Instituição já coleciona conquistas de indicadores positivos no Ministério da Educação, sendo avaliada anualmente como a melhor Instituição de Ensino Superior de Mato Grosso do Sul, dentre as públicas e as privadas, estando também entre as melhores do Cento Oeste competindo ainda no ranking das melhores do país.

Com um orçamento que ultrapassa os R\$ 150 milhões anuais, a Universidade vem alcançando a maioria das metas do seu Plano de Desenvolvimento Institucional. Foi a primeira do Brasil a apresentar o Plano de Expansão Acadêmica ao governo federal, com projeto de ampliação e metas ambiciosas em todas as áreas, em consonância com o Plano Nacional de Educação. A UFGD prossegue com a missão de gerar e socializar conhecimentos, saberes e valores por meio do ensino, pesquisa e

extensão de excelência, tendo como norte a transparência, a ética e o compromisso e a responsabilidade social, promovendo o debate democrático e a igualdade de oportunidades para todos.

### **1.1.1. A Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD**

Criada em 2005 por desmembramento da UFMS, a Universidade Federal da Grande Dourados possuía 12 cursos de graduação e 03 programas de pós-graduação (03 mestrados e 01 doutorado). Já em 2006, no início de sua instalação, foram criados mais 07 cursos de graduação e com o Programa REUNI, mais 09 cursos foram instalados, alcançando um total de 28 cursos de graduação na modalidade presencial, 02 cursos na modalidade a distância. Na pós-graduação, em 2012, a universidade possuía 18 cursos *stricto sensu*, sendo três doutorados e 15 mestrados. Ao tempo de elaboração desse documento, em 2013, a UFGD atingiu 22 cursos de pós-graduação *stricto sensu*, sendo cinco doutorados.

Destaca-se, também, a incorporação do Hospital Universitário em 2009, o que significa a possibilidade de prestação de serviços de assistência à saúde da população com qualidade, bem como de novas estruturas ao desenvolvimento acadêmico da UFGD.

Assim, aliados aos esforços para favorecer a inclusão social (com políticas de cota social e de assistência estudantil), com a organização de grupos e redes de pesquisa e extensão, acredita-se que a UFGD vem contribuindo de modo significativo para a ampliação da produção acadêmica e para a formação de pessoal qualificado em Mato Grosso do Sul, o que pode ser comprovado pelas contínuas e positivas avaliações externas e internas sobre as atividades acadêmicas da UFGD.

Sublinha-se que a grade de formação da UFGD, tanto na graduação quanto na pós-graduação, está sendo direcionada a enfrentar os principais problemas que inibem os desenvolvimentos econômico, social e cultural e a problemática da preservação do meio ambiente em Mato Grosso do Sul. No entanto, além das necessidades sociais ainda por atender nos próximos anos, considera-se que no interior da UFGD as diversas áreas de conhecimento, umas mais que outras, precisam ainda de crescimento quantitativo e qualitativo para que, no conjunto, atendam aos requisitos e possam obter o reconhecimento da excelência acadêmica.

Quanto à sua estrutura física, avalia-se que praticamente o apoio necessário à vida acadêmica e à convivência universitária estão instalados ou em vias de instalação. É o caso de Bibliotecas, na Unidade 2 e no Hospital Universitário, Restaurante Universitário, Quadra Poliesportiva, Piscinas, Auditórios, Centro de Educação Infantil, todos já entregues e à disposição da comunidade. Mas também outros estão com obras em andamento, como é o caso do Centro de Convivência, na Unidade 2, onde se busca atender as demandas de serviços e de convívio da comunidade acadêmica: lanchonetes, bancos, posto de atendimento de urgência, entre outros.

Em relação à estrutura para as atividades propriamente acadêmicas, vinculadas à graduação e à pós-graduação, conseguiu-se recuperar o imenso passivo que existia anteriormente à criação da UFGD e foram viabilizadas razoáveis condições para os cursos criados em 2006. Ressalta-se, sobretudo, que algumas melhorias em infraestrutura ainda são necessárias, mas se alcançou níveis de qualidade para atender aos nossos propósitos e objetivos.

No que diz respeito aos cursos criados em 2009, todos estão sendo atendidos nas demandas apresentadas por meio dos Projetos Pedagógicos dos Cursos, com todos os prédios de laboratório licitados, alguns concluídos e entregues (Clínica de Psicologia, Laboratórios de Artes Cênicas, Laboratórios de Educação Física, Laboratórios de Engenharia de Energia) outros em fase ainda de conclusão de construção, como é o caso dos prédios de Engenharia Agrícola e Laboratórios Multidisciplinares, além da construção de dois blocos de faculdades criadas recentemente, a FAIND – Faculdade de Estudos Interculturais, com parte finalizada em complementação, em projeto, e a FAEN, em processo de licitação para finalização da obra. Convém destacar que se tem viabilizado a ampla maioria dos móveis e equipamentos solicitados para atendimento dos cursos de graduação, mas também de pós-graduação e pesquisa.

Quanto aos servidores, os esforços em favor da contratação de docente, tanto em termos de quantidade como no que tange à qualidade, têm sido exitosos para a maior parte dos concursos abertos. A maioria dos contratados são doutores ou mestres, o que permitiu à UFGD crescer rapidamente em todos os setores de sua atividade acadêmica e já ser reconhecida em Mato Grosso do Sul por sua alta taxa de contribuição aos conhecimentos científico, tecnológico e cultural.

Cabe salientar que, nesta Universidade, são poucos os docentes com contratos temporários, uma vez que tem havido esforços no sentido de otimizar as contratações para a UFGD, utilizando como instrumento o banco de professor equivalente para



atender demandas dos cursos criados e em implantação, de graduação e pós-graduação. O quantitativo de contratos temporários foi autorizado para responder a demora na aprovação, pelo Congresso Nacional, da lei dos cargos de docentes, situação inicialmente resolvida pela aprovação da Lei nº 12.677, de 25 de junho de 2012, que criou os cargos e que, posteriormente, permitiu a distribuição das vagas (e atualização do BPEq das IFES) pelo MEC/MPOG, conforme Portaria Interministerial nº 405, de 30 de agosto de 2012. Em dezembro de 2012 tal distribuição ocorreu com a aprovação da Lei nº 12.772, de 28 de dezembro de 2012, referente à carreira docente.

Assim, ainda há espaço para contratação de docentes para incorporar todo o crescimento que a UFGD teve em 07 anos de implantação, haja vista que o número de docentes está muito longe da totalização - prevista na Lei de Criação da Universidade (Lei nº 11.153, de 29 de julho de 2005), o que certamente estimula possibilidades de crescimento de cursos novos e mais vagas públicas à disposição da sociedade.

O fato é que com a instituição do Banco de Professor Equivalente, se por um lado dá liberdade e autonomia relativa para as IFES se organizarem internamente, considerando as diferenças entre as áreas, por outro lado, também tem provocado e favorecido grande mobilidade entre os docentes que, depois de concursados, em alguns casos, buscam retornar para perto de seus familiares, ou ainda, encontram possibilidades de vínculos a grupos de pesquisa em outras universidades federais.

Quanto ao técnico-administrativo, além de êxito na contratação de pessoal qualificado, a UFGD investe na capacitação e qualificação. Semelhante à situação dos docentes, foi criado o Quadro de Referência de Técnicos Administrativos com objetivo similar ao banco de professores. Com efeito, o quantitativo desses servidores disponibilizado pelo MEC para a UFGD está bastante aquém de nossas necessidades e dos objetivos e metas que se pretende alcançar, de modo que o Quadro de Referência da Universidade é pequeno, não incorporou o passivo (aposentados) e também não incorpora os servidores técnicos de nível básico, ainda em número importante na IFES e que ao se aposentarem não serão substituídos, como ocorre com os técnicos de nível médio e superior.

O reduzido número de técnico-administrativos é, sem dúvida, o principal ponto de estrangulamento da UFGD e se não for solucionado, deverá se constituir em obstáculo para desenvolvimento desta Instituição. Essa situação tem sido expressa aos órgãos do governo, que estão cientes e que têm apontado com a possibilidade de

estabelecimento de um referencial (TA/Alunos) médio para dar vazão a essa questão que envolve a UFGD, mas também outras IFES.

Sendo assim, considerando-se, por um lado, os cenários que se apresentam para os próximos anos, bem como as exigências da sociedade brasileira e da sociedade sul-mato-grossense e, por outro lado, o patamar de desenvolvimento da UFGD, com suas potencialidades e suas necessidades, acreditou-se ser oportuno a UFGD apresentar à sociedade e ao Governo Federal, em 2011, por intermédio do Ministério da Educação, o seu Plano da Expansão Acadêmica para o período de 2011 a 2020, esperando, com e por meio dele, contribuir para a constituição de uma sociedade com maior justiça social.

Esse planejamento para 10 anos elaborado pela UFGD faz parte do PDI da UFGD (2013-2017), evidentemente porque expressa o intervalo de planejamento definido em Lei, que é de cinco anos, mas já evidencia aqui que a UFGD tem sistematizado mais que esse tempo. Um debate que passa pela oportunidade que o MEC abriu para apresentação da proposta pela Universidade, tendo sido a UFGD a primeira Universidade a pautar uma nova expansão de vagas, com criação de novos cursos de graduação e pós-graduação, devidamente debatidos na comunidade universitária por, pelo menos, um ano.

### **1.1.2 Missão e Visão de Futuro**

A **missão** da UFGD é: *Gerar, construir, sistematizar, inovar e socializar conhecimentos, saberes e valores, por meio do ensino, pesquisa e extensão de excelência, formando profissionais e cidadãos capazes de transformar a sociedade no sentido de promover desenvolvimento sustentável com democracia e justiça social.*

A UFGD tem como **visão de futuro**: *Ser uma instituição reconhecida nacional e internacionalmente pela excelência na produção do conhecimento e por sua filosofia humanista e democrática.*

### **1.1.3. A Faculdade de Educação (FAED)**

A Faculdade de Educação da UFGD foi criada em setembro de 2006, a partir do antigo DED (Departamento de Educação) do Câmpus de Dourados da UFMS e atualmente oferece os cursos de graduação em Pedagogia - Licenciatura Plena e Licenciatura em Educação Física, cursos de Pós-Graduação Lato Sensu e Strictu Senso (Mestrado e Doutorado) em Educação.

O curso de Pedagogia, o mais antigo da FAED, foi implantado no antigo CPDO (Centro Pedagógico de Dourados) em 1979, como uma extensão do curso de Corumbá (com as seguintes habilitações: Magistério das Matérias Pedagógicas do 2º Grau, a partir de 1983; Administração Escolar, a partir de 1983; Supervisão Escolar). A partir de 1983, passou a ter a sede na cidade Dourados e a oferecer as habilitações em Orientação Educacional (1986), Magistério da Pré-Escola e Séries Iniciais (1991), Magistério da Educação Infantil (2001); e, a partir de 2007, Licenciatura Plena em Pedagogia.

O curso de Mestrado e Doutorado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFGD foi recomendado pela Capes em 2007 e 2014, respectivamente, tendo como Área de Concentração "História, Políticas e Gestão da Educação" e como Linhas de Pesquisa: História da Educação, Memória e Sociedade; e Políticas e Gestão da Educação.

O curso de Licenciatura em Educação Física é o mais recente da FAED, implantado em 2009 e voltado para a Educação Física Escolar, numa perspectiva interdisciplinar. Outro conjunto de atividades da FAED é o oferecimento de disciplinas básicas, sobretudo da área de formação de professores para os demais cursos de licenciatura da UFGD.

No ano de 2009, a FAED mudou suas atividades para seu novo prédio-sede e avançou em seu processo de consolidação com a instalação de seis laboratórios e infraestrutura para seus grupos de pesquisa, projetos de ensino, pesquisa e extensão.

## **1.2. Necessidade Social do Curso**

Mercê da vasta produção acadêmica, que nas últimas décadas transpôs os limites das universidades, a conscientização acerca dos benefícios advindos das práticas corporais disseminou-se largamente.

Neste contexto, um número cada vez maior de pessoas passou a fazer exercícios físicos regularmente, nos mais diferentes espaços, tais como: academias, clubes, praças públicas, parques públicos, quadras esportivas etc. Este notável fortalecimento do da produção acadêmica, bem como o aumento no número de pessoas que se dedica à prática regular de exercícios contribuiu, perceptivelmente, para que a disciplina de Educação Física adquirisse um novo dimensionamento didático-pedagógico, apresentando-se atualmente como um componente curricular de significativa importância no contexto escolar. Diferentemente do passado, quando a ditadura militar transformou a Educação Física em instância de treinamento nas escolas, atualmente a disciplina direciona-se para a formação não do atleta, mas do cidadão responsável, crítico e, sobretudo, consciente da necessidade das práticas corporais para a obtenção e manutenção da saúde e da qualidade de vida, não apenas durante os anos escolares, mas por toda a vida. Norteadas por esses objetivos, a Educação Física Escolar apresenta-se, nos dias de hoje, como um componente curricular de grande valor social, posto que não prioriza apenas o aprimoramento das habilidades e destrezas desportivas, mas visa a formação integral do ser humano, opondo-se às práticas segregadoras da seletividade atlética e promovendo a inclusão de todos (as) os (as) estudantes nas atividades pedagógicas propostas.

Refletindo sobre a função da Educação Física Escolar. Escreveu Wagner Wey Moreira: “... o caminho para o esporte de alto nível é uma trilha estreita, que só poderá ser disputada por alguns poucos selecionados. A escola não se presta a isto” (1995, p. 27). Aqui é clara a preocupação com a inclusão, a participação de todos os alunos durante as aulas de Educação Física. Essa preocupação perpassa obras distintas, publicadas por vários autores e pesquisadores da área.

No que diz respeito à promoção da saúde como um dos principais objetivos da Educação Física Escolar, asseverou Maitino: “Fica muito difícil visualizar quais outros objetivos podem ser justificados tão fortemente como a saúde (2000, p. 79) ”.

Sociabilização, promoção da saúde, inclusão, conscientização acerca dos benefícios das atividades corporais e formação de cidadãos críticos. Estes são, atualmente os mais destacados objetivos da Educação Física, no contexto escolar. Este viés de intervenção pedagógica que busca, primordialmente, o bem-estar biopsicossocial do ser humano, faz da Educação Física, nos dias de hoje, uma disciplina escolar de notável relevância para a sociedade. Por essa razão, o curso de Educação Física da UFGD tem a finalidade de responder a uma necessidade social importante,

principalmente se forem levadas em conta as especificidades contextuais da região sul de Mato Grosso do Sul, onde não existe um curso público de Licenciatura em Educação Física.

O curso de Licenciatura em Educação Física da UFGD, com sua estruturação pedagógico-curricular específica, contribui sobremaneira para o preenchimento de uma lacuna social importante em Mato Grosso do Sul, proporcionando à população regional a possibilidade de ingresso num curso de perfil único, que prioriza as atividades corporais não sob o ponto de vista performático, mas sob o prisma educativo, formador de gerações futuras mais críticas, sociáveis e saudáveis.

### **1.3. Histórico do Curso**

Por volta do ano de 2002, antes que surgisse a UFGD, a UFMS já havia cogitado sobre a implantação de um curso de Educação Física em Dourados. Em 2005, com a criação da UFGD, a discussão acerca de novos cursos tomou um novo fôlego dentro da Universidade. Foi a partir de 2007, por conta das discussões sobre o REUNI, que a Faculdade de Educação (FAED) responsabilizou-se por implantar a Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal da Grande Dourados.

O curso de Licenciatura em Educação Física da UFGD foi autorizado em 03/11/2008, pela Resolução COUNI/UFGD nº 107. Antes disso, no início do segundo semestre de 2008, a partir do começo do mês de agosto, foram iniciados pelos membros da Faculdade de Educação os estudos preliminares para a efetiva implantação do curso. Em setembro do mesmo ano, o Conselho Diretor da faculdade de Educação instituiu a comissão de implantação do referido curso. A comissão ficou assim constituída: Reinaldo dos Santos (Presidente), Manuel Pacheco Neto (Membro), Magda Carmelita Sarat Oliveira (Membro), Ana Paula Gomes Mancini (Suplente) e Giselle Cristina Martins Real (Suplente). A comissão deliberou acerca dos trâmites e encaminhamentos para a organização do curso de Educação Física. Dessas deliberações, surgiram as linhas mestras que nortearam a elaboração do projeto do curso, sempre levando em consideração as orientações contidas num documento essencial da Universidade Federal da Grande Dourados que é *a minuta de roteiro de projeto político pedagógico*. Essa base documental, aliada ao embasamento teórico de cunho bibliográfico discutido nas reuniões da comissão, propiciou a construção de um projeto político pedagógico sólido, compromissado com a proposta essencialmente educativa do curso de Licenciatura em

Educação Física da UFGD, que já surgiu vinculado à faculdade de Educação da UFGD, diferentemente de outros vários cursos de Educação Física no Brasil, que adorando o viés performático/biologicista, mormente integram núcleos de Ciências Biológicas e Profissões da Saúde, mais raramente figurando em faculdades, núcleos ou departamentos onde a pedagogia e a educação predominam.

Em novembro de 2008, visando a estabelecer diálogo com representantes de cursos de Licenciatura em Educação Física já sedimentados, dois membros da comissão de implantação do Curso de Educação Física da UFGD – Professor Manuel Pacheco Neto e Professora Magda Carmelita Sarat Oliveira – viajaram para o estado de São Paulo, onde visitaram os cursos da UNESP de Presidente Prudente, UNIMEP de Piracicaba e UNESP de Rio Claro. Nessas instituições, os representantes da UFGD visitaram todas as dependências físicas que servem às atividades dos cursos de Educação Física que lá funcionam, além de dialogarem com seus(suas) coordenadores (as) e diretores (as), a eles (as) apresentando a grade curricular do Curso de Licenciatura de Educação Física da UFGD, para troca de impressões. Em unanimidade, os (as) dirigentes das instituições visitadas expressaram enfática aprovação em relação à estrutura curricular que lhes foi apresentada, formulando inclusive algumas sugestões acerca de alguns componentes curriculares específicos. Essas sugestões foram apreciadas, sendo algumas delas acatadas e agregadas à matriz curricular do Curso de Licenciatura de Educação Física da UFGD, que foi submetida à análise dos membros do Conselho Diretor da Faculdade de Educação da universidade, sendo aprovada na reunião ordinária do dia 24 de novembro de 2008.

Cumprido esclarecer que, desde os primórdios de sua elaboração, até a sua aprovação em unanimidade pelo Conselho Diretor, a matriz curricular do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFGD foi construída em estrita observância à Resolução nº 07 do Conselho Nacional de Educação, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Educação Física. Tal documento governamental – expedido em 31 de março de 2004 e publicado no Diário Oficial da União em 05 de abril de 2004 –, em seu artigo 7º preconiza que:

Caberá à Instituição de Ensino Superior, na organização curricular do Curso de Graduação em Educação Física, articular as unidades de conhecimento de formação específica e ampliada, definindo as respectivas denominações, ementas e cargas horárias em coerência com o marco conceitual e as competências e habilidades almejadas para o profissional que pretende formar.

Esse artigo, em seu parágrafo primeiro, estabelece que:

A formação ampliada deve abranger a seguintes dimensões do conhecimento:

- a) relação ser humano-sociedade;
- b) biológica do corpo humano;
- c) produção do conhecimento científico e tecnológico

Após essas formulações acerca da formação ampliada, o artigo 7º apresenta seu parágrafo segundo, que aborda a formação específica e suas dimensões:

A formação específica, que abrange os conhecimentos identificadores da Educação Física, deve contemplar as seguintes dimensões:

- a) culturais do movimento humano;
- b) técnico instrumental;
- c) didático-pedagógica

Guardando observância em relação a esses preceitos normativos governamentais, o curso de Educação Física da UFGD foi concebido, germinalmente, a partir do entendimento de que a vivência corpóreo-motriz é uma importante dimensão da completitude indivisível do ser humano, uma dimensão concreta, que determina a maneira de ser e estar no mundo e que, por conseguinte, apresenta-se como um valioso instrumento para a consecução de um dos maiores objetivos da educação, que visa, sobretudo, a melhoria da dignidade e da qualidade de vida das pessoas, observadas e respeitadas todas as características ou diferenças individuais dos membros que constituem o tecido social. Neste processo, a conscientização e a compreensão acerca da necessidade cotidiana das práticas corporais empertigam-se de maneira clara, como uma das principais diretrizes pedagógicas do curso de Educação Física da UFGD, que concebido junto à faculdade de Educação (FAED), orientou-se, em termos curriculares, para as questões que envolvem a docência na área das atividades corporais, na Educação Infantil e nos Ensinos Fundamental e Médio.

Destarte, voltado para a formação do profissional que pretende atuar na Educação Física Escolar, o curso de Educação Física da UFGD disponibilizou 50 (cinquenta) vagas no primeiro vestibular que ofertou em janeiro de 2009.

## **2. IDENTIFICAÇÃO DO CURSO**

**2.1 Curso:** Licenciatura em Educação Física

**2.2. Grau acadêmico conferido:** Licenciado em Educação Física

**2.3. Modalidade de ensino:** Presencial

**2.4. Regime de matrícula:** Semestral por componente curricular

**2.5. Ato de reconhecimento do curso:** Portaria MEC/SERES Nº176, de 18 de ABRIL de 2013 – DOU de 19/04/2013

**2.6. Período de Integralização:**

**2.6.1. Tempo Mínimo de integralização:** 3 anos (6 semestres)

O aluno do curso de Educação Física tem a possibilidade de integralizar o curso em tempo menor que o tempo de integralização mínimo previsto pelo CNE, considerando que a UFGD adota o regime de matrícula semestral por componente curricular, o que permite ao estudante construir seu itinerário formativo de modo a adiantar seus estudos, e a integralizar os componentes curriculares obrigatórios e carga horária mínima do curso em um tempo menor que o ideal do curso ou menor que o mínimo estipulado pelo Conselho Nacional de Educação. Essa possibilidade está prevista no inciso do artigo 2º da resolução CNE/CES nº 2/2007.

**2.6.2. Tempo Ideal de integralização:** 4 anos (8 semestres)

**2.6.2. Tempo máximo de integralização:** 8 anos (16 semestres)

**2.7. Carga horária total do curso:** 3966 horas-aula (3.305 horas-relógio)

**2.8. Número de vagas:** 50

**2.9. Turno de Funcionamento:** Noturno de segunda à sexta-feira; matutino e vespertino aos sábados

**2.10. Local de Funcionamento:**

FAED – Faculdade de Educação  
Rodovia Dourados-Itahum, Km 12  
Caixa Postal 533  
CEP 79 804-970  
Dourados – MS

**2.12. Forma de Ingresso:** Processo Seletivo Vestibular e Sistema de Seleção Unificada (SiSU) como forma de ingresso regular, além de outras formas previstas pelo regulamento da UFGD.



### 3. CONCEPÇÃO DO CURSO

#### 3.1 Fundamentação Teórico-Methodológica

As diferentes teorias pedagógicas, existentes que pautam a importância da Educação Física Escolar facilitam a sistematização dos conteúdos e permitem ao educador planejar de maneira coerente sua ação, considerando as diferentes realidades apontadas no Projeto Político Pedagógico (PPP) de cada escola, seja ela pública ou privada (Venâncio, 2005).

Os saberes e experiências da docência (Tardif, 2002) passam a ser relevantes quando se busca uma ação pedagógica significativa. O conhecimento docente acerca dos conteúdos e estratégias pedagógicas pode ser uma condição prévia para que haja consistência entre as intenções planejadas e as ações implementadas. Nesse caso, para aproveitar coerentemente a ampla diversidade de teorias da ação do contexto brasileiro no dia-a-dia, o conhecimento que o professor deve elaborar sobre os conteúdos e estratégias é extremamente complexo e dinâmico (Sanchez Neto et al, 2006).

Os conteúdos escolares no entendimento de Darido (2005) não existiam na sua forma atual, eles têm um caráter histórico, vão sendo elaborados e reelaborados conforme as necessidades de cada época e os interesses sociais vigentes.

Zabala (1998) amplia o conceito de conteúdo e passa a referenciá-lo como tudo quanto se tem que aprender, que não apenas abrange capacidades cognitivas, como inclui outras capacidades. Libâneo (1994) do mesmo modo que Coll et al.(2000) e Zabala (1998), entendem que conteúdo de ensino é um conjunto de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizados pedagógica e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelos alunos na sua prática de vida.

O curso de Educação Física da UFGD foi concebido visando à formação de profissionais para atuação docente na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Para tanto, a base teórico-metodológica que o alicerçou, apontou para a necessidade de construção de uma matriz curricular que abrangesse as necessidades educacionais de crianças, pré-adolescentes e adolescentes, em suas diferentes faixas etárias. Dentre tantos outros componentes curriculares que se associam à intencionalidade de formação de profissionais para atuar junto à educandos de idades tão distintas, a matriz curricular do curso de Educação Física da UFGD engloba disciplinas tais como *Educação Física na Educação Infantil*, *Educação Física no*

*Ensino Fundamental e Educação Física no Ensino Médio.* Cumpre esclarecer que os próprios estágios supervisionados, em suas distintas temporalidades, também foram organizados nos mesmos moldes, visando ao atendimento dessa já mencionada diversidade etária dos educandos.

Ao explicitar a fundamentação teórico-metodológica do curso de licenciatura em Educação Física da UFGD, iniciamos pelas implicações relativas à Educação Física na Educação Infantil.

Na área da Educação Física há uma vasta literatura que enfoca não apenas a imperiosa importância das atividades corporais para a formação da criança, mas a literal imprescindibilidade no que diz respeito às práticas físicas no universo infantil. A principal orientação teórica que fundamenta essa convicção consensual assenta-se na idéia de que a criança, intrinsecamente, apresenta características próprias, que a diferem do ser humano adulto. Dentre tais características, destaca-se como a mais proeminente a grande motricidade denotada na fase infantil. Essa movimentação exacerbada foi estudada pela primeira vez na Alemanha, no final do século XVIII.

Sobre essa questão, na obra *Educação Física e Jogos Infantis*, escreveu Alexandre Moraes de Mello:

[...] A teoria do excesso de energia foi elaborada por Shiller em 1795 [...] fundamenta-se no princípio de que a criança possui excesso de vitalidade, e, portanto, suas energias não consumidas em outros afazeres seriam canalizadas para a prática do jogo.

O mesmo autor acrescenta que essa postulação de Shiller foi *defendida também por Spencer*.

Aqui, Mello refere-se a Herbert Spencer, o pensador britânico que no século XIX legou à Educação, dentre outras obras, o clássico livro intitulado *Educação Intelectual, Moral e Physica*.

Na obra *Motricidade e Jogo na Infância*, escreveu Ferreira Neto:

Desde a teoria de Spencer [...] cuja consideração principal se baseia no fato de as crianças brincarem para libertarem sua energia suplementar [...] o jogo sempre foi visualizado por todos os teóricos como importante para a estruturação do organismo e portanto essencial para o desenvolvimento infantil.

Até hoje não houve uma contraposição sólida, no que diz respeito à grande evidência de que as crianças de fato se particularizam devido à sua grande mobilidade.

Contemporaneamente, pensadores importantes como Roger Caillois e João Batista Freire são cordatos quanto à essa questão. Para que verifiquemos isso, basta lembrar que na obra *Educação de corpo inteiro* escreveram Freire e Scaglia:

Essa energia a mais como afirma Caillois, não seria atividade para alguma tarefa útil, para satisfazer alguma necessidade, mas para cumprir, por meio do jogo, aquilo que talvez seja o mais verdadeiramente humano: a construção da cultura humana.

Outro autor, o holandês Johan Huizinga, em seu clássico livro *Homo Ludens*, afirmou que *o homem é um ser que brinca*. Essa máxima foi repetida à exaustão por diversos autores que se ocuparam das brincadeiras, da motricidade e dos jogos infantis. É uma frase coerente, reveladora de que o brincar é inerente ao ser humano.

Acentuadamente sociabilizantes, os jogos e as brincadeiras desempenham papéis importantes no contexto educacional, trabalhando o aspecto relacional dos alunos, tornando-os, portanto, mais sociáveis. Indispensáveis na formação das crianças, os jogos e brincadeiras favorecem o desenvolvimento da criticidade, da criatividade, do raciocínio lógico-matemático e das capacidades linguístico-verbais, contribuindo notadamente – embora essa não seja a sua finalidade primordial – para a melhoria da apreensão de conhecimento, ou seja, para a “melhoria do rendimento escolar”, como se dizia em tempos mais arcaicos. Os jogos e brincadeiras, além disso, promovem inúmeros benefícios físicos para as crianças que os vivenciam, benefícios tais como: desenvolvimento da percepção espaço-temporal; desenvolvimento da coordenação motora global; desenvolvimento da coordenação motora fina; aumento do repertório motor; ascensão da capacidade cárdio-respiratória; robustecimento ósteo-miológico, melhoria da qualidade do sono e desenvolvimento corporal global.

Porém, cumpre frisar, que caso os jogos e as brincadeiras não propiciassem todos esses benefícios, a presença deles ainda se justificaria plenamente na escola, dado o seu caráter divertido, lúdico. Como já nos ensinou Caillois “a finalidade do jogo é o próprio jogo [...]”

O ser humano, sem dúvida, precisa disso, mormente na escola, cujo ambiente muitas vezes rígido e sisudo, privilegia a ordem, a disciplina e o acúmulo de informações.

Walter Benjamin, na obra *Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação*, demonstra, de maneira magistral, as singularidades do universo infantil, contribuindo sobremaneira para relativizações oportunas acerca do pensamento de Rousseau, que

concebe a criança como um ser plenamente puro e ingênuo, que é levado ao corrompimento através da vivência social.

Sobre a importância das contribuições de Benjamin, escreveu Uilson Pereira:

[...] O autor (Benjamin) reafirma sempre a noção de especificidade da vida infantil [...] que representa uma miniatura do cosmos adulto, bem ao contrário, o ser humano de pouca idade constrói seu próprio universo, capaz de incluir lances de pureza e ingenuidade, sem eliminar, todavia, a agressividade, resistência, perversidade, humor, vontade de domínio e mando. Benjamin, com efeito, logo aprendeu a olhar para além do com menino [...]

A fundamentação teórico-metodológica do curso de Educação Física da UFGD assenta-se, primordialmente, no pressuposto da relevância intrínseca da motricidade na cultura infantil. Em virtude dessa opção por este viés epistemológico, o Curso de Licenciatura em Educação Física da UFGD orienta-se para a formação de docentes dotados de sólidas bases teóricas para o trabalho com crianças no contexto escolar formal.

Já no que diz respeito ao trabalho docente com pré-adolescentes e adolescentes, torna-se indispensável considerar que os seres humanos, nessas respectivas e imprecisas fases, apresentam uma miríade de mudanças, em termos biopsicossociais. O final da infância traz consigo diversas mudanças de ordem anátomo-fisiológica, dentre as quais destaca-se a significativa produção de hormônios sexuais, testosterona nos homens e progesterona na mulher. A estrutura corporal humana, quando da ocorrência desse importante evento fisiológico, está ainda distante de sua maturação completa, que em alguns casos só será atingida aos vinte e um anos. Nos meninos, dentre outros processos, inicia-se o aumento da massa muscular, a distribuição dos pelos corporais e o engrossamento da voz. Nas meninas, a aproximação da menarca – primeira menstruação – bem como após a sua ocorrência, será determinada a explicitação dos caracteres sexuais femininos, como o aumento dos seios, a definição da região dos quadris, a modulação da fala, o surgimento dos pelos pubianos e o amaciamento da pele. Fases singulares da vida humana, que medeiam entre a infância e o período adulto. A pré-adolescência e a adolescência caracterizam-se, muitas vezes, por intermitências – às vezes mais, às vezes menos constantes – de instabilidade emocional. Já não mais crianças, nem tampouco adulto, o ser humano experimenta os desconfortos e as incertezas deste tempo de transição. Para estes desconfortos, contribui notadamente a queda significativa da produção de serotonina, hormônio que auxilia não pouco a harmonização do equilíbrio emocional. O aumento da produção de hormônios sexuais,

aliado à diminuição da secreção de serotonina, culminam por configurar uma combinação fisiológica que determina, por vezes, um comportamento marcadamente desconcentrado, ansioso, ou até mesmo abertamente agressivo, atrapalhando a aprendizagem no contexto escolar.

Nesse sentido, a Educação Física apresenta-se como um componente curricular de perfil único, pois trabalha com atividades físicas, propiciando ao pré-adolescente e ao adolescente a vivência de sua corporeidade através da motricidade. Durante a prática de atividades corporais, o cérebro humano produz endorfina, uma substância preciosa, que gera sensação de bem-estar e tranquilidade, contribuindo acentuadamente para a diminuição da instabilidade emocional. A produção de endorfina talvez seja um dos mais importantes mecanismos fisiológicos desencadeados pelos exercícios físicos, cumprindo ainda lembrar que seus salutares efeitos não são vivenciados pelo ser humano apenas no momento específico das práticas corporais. Tais efeitos se prolongam muitas horas após o final das atividades motoras, propiciando notável equilíbrio biopsicológico. Certamente, esse quadro não apenas favorece a aprendizagem, como também gera bem-estar pessoal, o que é muito importante na pré-adolescência e na adolescência.

É certo que a imprescindibilidade da Educação Física para pré-adolescentes e adolescentes vai ainda muito além. Já não há mais dúvidas a respeito dos objetivos da Educação Física em relação a estudantes dessa faixa etária. Depois de muitas discussões acadêmicas, a literatura da área passou a apontar para a priorização da formação da cidadania crítica, cônica da necessidade da prática continuada de atividades físicas por toda a vida, como instância indissociável de uma existência voltada para a manutenção da saúde e da qualidade de vida.

Em síntese, o curso de licenciatura em Educação Física da UFGD fundamenta-se, em termos teórico-metodológicos para a formação de profissionais docentes que atuarão, no contexto escolar, levando em conta todas as particularidades relativas ao crescimento do educando, em termos psicológicos e biológicos, agindo e intervindo com competência junto a alunos de todas as faixas etárias, relativas a Educação Infantil e aos Ensinos Fundamental e Médio, atuando em consonância com as diretrizes apontadas pelos estudos acadêmicos sobre a Educação Física, que atualmente preconizam, prioritariamente, a vivência dos jogos, das brincadeiras, dos esportes e da ginástica como recursos educacionais imprescindíveis à formação não do atleta, mas do cidadão crítico, consciente da necessidade da prática constante de atividades corporais.

Todo o processo de formação desses docentes dar-se-á sob a estrita observância dos preceitos de interdisciplinaridade e flexibilização curricular propostos pelo projeto REUNI.

### **3.2 Fundamentação Legal**

O curso de Licenciatura em Educação Física da UFGD fundamenta-se, em termos legais, nas Resoluções número 1, de 01 de julho de 2015, publicada pelo *Conselho Pleno (CP) do Conselho Nacional de Educação (CNE)* no Diário Oficial da União, em 03 de julho de 2015 (Seção 1, p. 28), que instituem as Diretrizes Curriculares Nacionais, a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da educação básica em nível superior, assim como estabelece orientações específicas da área da Educação Física, expressas na Resolução nº 7 de 04/10/2007, da *Câmara de Educação Superior (CES)/MEC*, que institui as Diretrizes Nacionais para os Cursos de Graduação em Educação Física, publicada no Diário Oficial da União em 05 de abril de 2004 (Seção 1, p. 10), sob os auspícios do *Conselho Nacional de Educação (CNE)*.

O Curso de Educação Física ainda se alicerça no estatuto da UFGD, no Regulamento Geral dos Cursos de Graduação da UFGD e na Lei Nº 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

### **3.3 Adequação do Projeto Pedagógico ao Projeto Político Institucional (PPI) e ao Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI)**

Concernente ao Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física da UFGD, cumpre ressaltar que desde sua concepção embrionária, todas as suas diretrizes buscaram convergência e consonância com o *Projeto Pedagógico Institucional* da UFGD, que em seu item 9.2, sob o título *Princípios Filosóficos e Teórico- Metodológicos Gerais que Norteiam as Práticas Acadêmicas da Instituição*, prescreve:

A Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) define os princípios norteadores de sua prática e filosofia de trabalho, como Instituição de Ensino Superior, através de quatro linhas mestras:

- Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão;
- Gestão Democrática;
- Compromisso Social;
- Gratuidade de Ensino.

Nossa primeira linha mestra diz respeito a indissociabilidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão, considerando a multidisciplinaridade no desenvolvimento das ciências e na sua operacionalização. Dado que o conhecimento é a principal fonte de crescimento e desenvolvimento social, econômico e tecnológico de uma região, o mesmo não pode e não deve estar ligado somente a Universidade, mas também tem de ser levado à comunidade em geral. Sendo assim, um dos princípios da Universidade Federal da Grande Dourados é a universalidade do conhecimento, assim como a busca de fomento à interdisciplinaridade aos seus acadêmicos.

A UFGD ministrará o ensino visando à formação de pessoas para o atendimento de necessidades de desenvolvimento econômico, social, cultural, científico e tecnológico regional, do mundo do trabalho e do campo, além de contribuir para o desenvolvimento de atividades que promovam a difusão do conhecimento.

A gestão democrática é o foco da segunda linha filosófica da Instituição, pois há um posicionamento claro e contrário quanto ao exercício abusivo de poder interno ou externo à Instituição, de modo que, a UFGD busca assegurar e propagar o respeito à diversidade de idéias; crenças; culturas; à liberdade de ensinar e pesquisar; de divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; para que não haja discriminação de qualquer natureza.

A nossa terceira linha diz respeito ao compromisso social, isto é, a UFGD busca formar pessoas que se preocupam e valorizam o ser humano, através da solidariedade, do respeito à vida, com o intuito de não permitir que o homem seja apenas um mero “objeto”, e sim um ser que é dotado de sentimentos, anseios, perspectivas e desejos, de maneira que a procura da incessante maximização de lucros deve levar em consideração os fatores humanos.

Além disso, busca-se difundir a conscientização em relação à preservação do meio em que se vive, procurando a racionalização e a utilização plena dos recursos materiais, naturais e humanos. Portanto, os alunos, técnicos administrativos e professores devem assumir a missão da universidade com compromisso social.

A garantia de ensino gratuito é quarta linha mestra da UFGD, e está ligada à responsabilidade social, dado que a busca de propiciar a gratuidade ao acesso à Universidade, também se dá através dos avanços no apoio e incentivo a permanência dos alunos, contribuindo para a sua inserção no direito de aprender, que é direito de todos os cidadãos.

Para que possa ser sintetizada a adequação do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física ao Projeto Pedagógico Institucional da UFGD, cumpre explicitar que o curso de graduação em questão já surge atendendo aos *Princípios Filosóficos e Metodológicos* do PPI. Para que possa ser confirmada essa assertiva, é preciso examinar brevemente tal adequação. Verifiquemos, por exemplo, as implicações relativas ao item intitulado *Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão*. O Curso de Licenciatura em Educação Física já surgiu pautado pela indissociabilidade entre essas três instâncias ou dimensões propostas pelo Projeto Pedagógico Institucional da UFGD, já que traz como proposta de ensino, uma abordagem que busca valorizar,

bem como praticar constantemente a educação pela ou através da pesquisa. O alicerce teórico desse viés educacional foi buscado na produção de Pedro Demo. Este renomado investigador dos processos educacionais na obra *Educar pela Pesquisa*, faz a seguinte asseveração:

Educar pela pesquisa tem como condição essencial primeira que o profissional da educação seja pesquisador, ou seja, maneje a pesquisa como princípio científico e educativo e a tenha como atitude cotidiana. Não é o caso fazer dele um pesquisador “profissional da pesquisa”, mas um profissional da educação pela pesquisa (2003, p. 02).

A congruência entre esta intencionalidade e a práxis pedagógica do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFGD, encontra-se expressa em sua própria matriz curricular, onde constam três componentes específicos de orientação e estímulo à pesquisa, que são: *Métodos e Técnicas de Pesquisa*, *Pesquisa em Educação Física* e *Trabalho de Graduação*.

Contemporaneamente, a importância da pesquisa na atuação do professor de Educação Física é ressaltada, ora implícita, ora explicitamente nos *Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física (PCNs)*, por conta de não pouco expressiva ênfase teórica dada ao ensino dos jogos, das lutas, da ginástica e da dança nas escolas. Para que o professor de Educação Física possa ministrar conhecimentos básicos de Anatomia e Fisiologia na escola, é necessário o trabalho de pesquisa não apenas por parte dele, como também por parte de seus alunos. Para que o professor de Educação Física possa ministrar conteúdos relativos à História dos Esportes e da Motricidade Humana na escola, é imprescindível o trabalho de pesquisa, tanto por parte dele como por parte de seus alunos. A complexidade dos eixos temáticos hoje preconizados pelos *Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física*, torna a pesquisa um procedimento indispensável para a eficácia da fluidez desta importante área do conhecimento humano.

### **3.4 Adequação do Curso às Diretrizes Curriculares Nacionais**

O curso de Educação Física – Licenciatura atende as determinações da Resolução CNE/CP Nº 01 de 17 de junho de 2004, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais são abordados no componente curricular Tópicos em Cultura e Diversidade Étnico Racial.



A Resolução CNE/CP nº 1/2012, para a Educação em Direitos Humanos é atendida com a oferta do componente curricular obrigatório Educação em Direitos Humanos,

A UFGD possui um Núcleo de Estudos Afro-brasileiro (NEAB) criado pela Resolução 89/2007 do COUNI que tem com a finalidade atuar nas áreas de pesquisa, ensino e extensão relacionadas à diversidade étnico-racial, políticas públicas de combate à discriminação e ao racismo, produção de materiais, eventos, encontros, seminários, contribuindo para a implementação da Lei 11.645/08 que dispõem sobre o ensino da História da África e História da Cultura afro-brasileira e História Indígena.

A instituição possui também uma Faculdade Intercultural Indígena destinada às populações indígenas das etnias guarani e Kaiowá possibilitando um intercâmbio cultural na universidade. Desde o ano de 2013, a UFGD, sedia a Cátedra UNESCO “Diversidade Cultural, Gênero e Fronteira” desenvolvendo pesquisas e eventos sobre a temática de gênero e diversidade cultural visando a construção de uma prática de respeito aos direitos humanos e à solidariedade com as comunidades étnicas. A instituição criou em 2015 o Núcleo de Assuntos Indígenas.

O curso de Educação Física atende a Resolução CNE/CP nº 2, de 15 de junho de 2012, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Ambiental. A temática está presente nas atividades curriculares do curso de modo transversal, contínuo e permanente com os conteúdos desenvolvidos na disciplina de Educação em Direitos Humanos, mas também, é possível o aluno enriquecer sua trajetória curricular cursando os componentes comuns a Universidade que tratam da temática. A instituição aprovou em 2013 sua Política Ambiental (Resolução COUNI 6 de 15 de fevereiro de 2013) cuja finalidade é orientar, propor e promover ações sobre a temática na universidade. Enquanto o Aspecto do Autismo será abordado nas disciplinas de Educação Especial e Educação Física Adaptada.

Em relação ao atendimento ao artigo 12 da Resolução nº 2 de 1º de julho de 2015 o curso de Educação Física apresenta os núcleos I, II e III, de formação geral, aprofundamento e diversificação e estudos das áreas de atuação profissional e estudos integradores para enriquecimento curricular, respectivamente.

**NÚCLEO I - FORMAÇÃO GERAL**

<b>DISCIPLINAS</b>	<b>CHT</b>	<b>CHP</b>	<b>CH Total</b>	<b>LOTAÇÃO</b>
Eixo temático de formação comum à Universidade	72	-	72	-
Eixo temático de formação comum à Universidade	72	-	72	-
Eixo temático de formação comum à Universidade	72	-	72	-
Educação Especial	72	-	72	FAED
Educação em Direitos humanos	72	-	72	FCH
Laboratório de Textos Científicos I	72	-	72	FACALE
Tópicos em Cultura e Diversidade Étnicorracial	72	-	72	FCH
Anatomia Humana	54	54	108	FCS
Educação Física e Socorros de Urgência	36	18	54	FCS
Fundamentos de Didática	72	-	72	FAED
Libras – Língua Brasileira de Sinais	54	18	72	FACED
Políticas e Gestão Educacional	72	-	72	FAED
Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem	72	-	72	FAED
Métodos e Técnicas de Pesquisa	54	18	72	FAED
Pesquisa em Educação Física	36	18	54	FAED
<b>Total</b>	<b>954</b>	<b>126</b>	<b>1080</b>	

**NÚCLEO II - APROFUNDAMENTO E DIVERSIFICAÇÃO DE ESTUDOS DAS  
ÁREAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL**

<b>DISCIPLINAS</b>	<b>CHT</b>	<b>CHP</b>	<b>CH</b> Total	<b>LOTAÇÃO</b>
Teoria e Prática dos Esportes Individuais	54	54	108	FAED
Teoria e Prática dos Esportes Coletivos III	54	54	108	FAED
Cinesiologia	36	36	72	FAED
Crescimento e Desenvolvimento humano	54	-	54	FCBA
Educação Física Adaptada	54	36	90	FAED
Bases Fisiológicas aplicadas à Educação Física I	72	-	72	FAED
Bases Fisiológicas aplicadas à Educação Física II	54	18	72	FAED
Fundamentos Históricos da Motricidade Humana	54	-	54	FAED
Teoria e Prática dos Esportes Coletivos I	54	54	108	FAED
Ginástica Geral	54	54	108	FAED
Teoria e Prática dos Esportes Coletivos II	54	54	108	FAED
Medidas e Avaliação na Educação Física	36	36	72	FAED
Teoria e Prática dos Esportes Aquáticos	54	54	108	FAED
Organização de Eventos Esportivos	36	18	54	FAED
Atividade Física e Saúde	36	36	72	FAED
Teoria da Educação Física	54	-	54	FAED
Teoria do Treinamento Físico	54	18	72	FAED
Teoria e Prática dos Esportes Coletivos IV	54	54	108	FAED
Didática da Educação Física	36	36	72	FAED
Educação Física na Educação Infantil	54	18	72	FAED
Educação Física no Ensino Fundamental	54	18	72	FAED
Educação Física no Ensino Médio	54	18	72	FAED
Estágio Supervisionado de Educação Física na Educação Infantil		162	162	FAED
Estágio Supervisionado de Educação Física no Ensino Fundamental		162	162	FAED
Estágio Supervisionado de Educação Física no Ensino Médio		162	162	FAED
<b>Total</b>	<b>1116</b>	<b>972</b>	<b>2088</b>	

### **NÚCLEO III - ESTUDOS INTEGRADORES PARA ENRIQUECIMENTO CURRICULAR**

<b>DISCIPLINAS</b>	<b>CH Total</b>	<b>LOTAÇÃO</b>
Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento	240	FAED

Em atendimento ao inciso III do primeiro parágrafo do artigo 13 a somatória dos Núcleos I e II é de **3.168h/aula (2.640h relógio)**.

#### **4. ADMINISTRAÇÃO ACADÊMICA: COORDENADOR DO CURSO**

##### **4.1 Atuação do Coordenador**

Cabe ao coordenador do curso zelar para que o Projeto Pedagógico seja executado da melhor maneira, buscando o bom andamento do Curso.

Compete ao Coordenador, segundo o Regimento Geral da UFGD (art. 58):

II - Quanto ao acompanhamento do curso:

- a) orientar, fiscalizar e coordenar sua realização;
- b) propor anualmente ao Conselho Diretor, ouvido a Coordenadoria Acadêmica, o número de vagas a serem preenchidas com transferências, mudanças de curso e matrícula de graduados;
- c) propor critérios de seleção, a serem aprovados no Conselho Diretor, para o preenchimento de vagas.

III - Quanto aos programas e planos de ensino:

- a) traçar diretrizes gerais dos programas;
- b) harmonizar os programas e planos de ensino que deverão ser aprovados em reunião com os Vice-Diretores das Unidades que ministram disciplinas para o Curso;
- c) observar o cumprimento dos programas.

IV - Quanto ao corpo docente:

- a) propor intercâmbio de professores;
- b) propor a substituição ou aperfeiçoamento de professores, ou outras providências necessárias à melhoria do ensino.
- c) propor ao Conselho Diretor das Unidades envolvidas a distribuição de horários, salas e laboratórios para as atividades de ensino.

V - Quanto ao corpo discente:

- a) manifestar sobre a validação de disciplinas cursadas em outros estabelecimentos ou cursos, para fins de dispensa, ouvindo, se necessário, o Conselho Diretor;
- b) conhecer os recursos dos alunos sobre matéria do curso, inclusive trabalhos escolares e promoção, ouvindo, se necessário ... o Conselho Diretor;
- c) aprovar e encaminhar, à Direção da Unidade Acadêmica, a relação dos alunos aptos a colar grau.

## **4.2 Formação do Coordenador**

Graduado em Educação Física e Pós-Graduado em Educação Física ou áreas afins, preferencialmente Doutor.

## **4.3 Dedicção do Coordenador à Administração e Condução do Curso.**

Cabe ao coordenador do curso apresentar efetiva dedicação à administração e à condução do Curso. A coordenação do Curso deverá estar à disposição dos docentes e discentes, sempre que necessário, para auxiliá-los nas questões didático-pedagógicas.

## **5. OBJETIVOS**

Partindo da premissa que considera o Curso de Licenciatura de Educação Física como uma instância suscitadora, geradora ou fomentadora de competências e habilidades para a docência na área das atividades corpóreo-motrizas, cumpre especificar os seguintes objetivos:

- Formar docentes com apurado domínio teórico, prático e técnico para atuar no ensino formal, em instituições públicas ou privadas.
- Atender à significativa demanda regional do sul estado de Mato Grosso do Sul, que não dispõe de cursos públicos de Licenciatura em Educação Física.
- Privilegiar a formação de docentes dotados de aguçada criticidade, aptos a atuar como agentes de transformação social, visando à construção de uma sociedade mais humana, inclusiva e igualitária.
- Formar docentes detentores de uma ampla compreensão acerca do fenômeno educacional, levando em consideração as inter-relações entre o aprendente, a sociedade e as instituições educativas.
- Legar à sociedade um profissional com rigoroso senso ético e moral, que acredita na honestidade e na idoneidade como parâmetros imprescindíveis para o advento de uma sociedade mais digna e livre.

## **6. PERFIL DESEJADO DO EGRESSO**

O egresso do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFGD denotará uma ampla concepção sobre o papel das atividades corporais no contexto educacional, apresentando claro e seguro domínio dos conhecimentos pedagógicos da Educação

Física, entendendo-os como elementos educativos de origem interdisciplinar, fundamentados nas ciências da saúde, biológicas, humanas e exatas. Esse entendimento da Educação Física como área interdisciplinar, constituir-se-á como alicerce teórico para a resolução dos problemas concretos da prática e da dinâmica docentes, possibilitando a sistematização dos jogos, da ginástica, da luta, da dança e do esporte como instrumentos educativos imprescindíveis às distintas etapas da formação humana.

## 7. MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A seguir apresenta-se, para fins didáticos, uma vez que se acreditam na dinamicidade do processo de formação e na interdisciplinaridade das atividades propostas, os componentes curriculares previstos na matriz curricular de forma distribuída ao longo dos quatro anos previstos para integralização do curso:

### 7.1. ESTRUTURA CURRICULAR, CARGA HORÁRIA E LOTAÇÃO.

COMPONENTES CURRICULARES/DISCIPLINAS	CHT	CHP	CH Total	LOTAÇÃO
<b>FORMAÇÃO COMUM A UNIVERSIDADE</b>				
Eixo temático de formação comum à Universidade	72	-	72	-
Eixo temático de formação comum à Universidade	72	-	72	-
Eixo temático de formação comum à Universidade	72	-	72	-
<b>Total</b>	<b>216</b>	-	<b>216</b>	
<b>FORMAÇÃO COMUM À ÁREA</b>				
Educação Especial	72	-	72	FAED
Educação em Direitos Humanos	72	-	72	FCH
Laboratório de Textos Científicos I	36	36	72	FACALE
Tópicos em Cultura e Diversidade Étnicorracial	72	-	72	FCH
<b>Total</b>	<b>288</b>	-	<b>288</b>	
<b>NÚCLEO DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA</b>				
Anatomia Humana	54	54	108	FCS
Atividade Física e Saúde	36	36	72	FAED
Bases Fisiológicas aplicadas à Educação Física I	72	-	72	FAED

Bases Fisiológicas aplicadas à Educação Física II	54	18	72	FAED
Cinesiologia	36	36	72	FAED
Crescimento e Desenvolvimento humano	54	-	54	FCBA
Educação Física Adaptada	54	36	90	FAED
Educação Física e Socorros de Urgência	36	18	54	FCS
Fundamentos Históricos da Motricidade Humana	54	-	54	FAED
Ginástica Geral	54	54	108	FAED
Medidas e Avaliação na Educação Física	36	36	72	FAED
Organização de Eventos Esportivos	36	18	54	FAED
Teoria da Educação Física	54	-	54	FAED
Teoria do Treinamento Físico	54	18	72	FAED
Teoria e Prática dos Esportes Aquáticos	54	54	108	FAED
Teoria e Prática dos Esportes Coletivos I	54	54	108	FAED
Teoria e Prática dos Esportes Coletivos II	54	54	108	FAED
Teoria e Prática dos Esportes Coletivos III	54	54	108	FAED
Teoria e Prática dos Esportes Coletivos IV	54	54	108	FAED
Teoria e Prática dos Esportes Individuais	54	54	108	FAED
<b>Total</b>	<b>1.008</b>	<b>648</b>	<b>1.656</b>	
<b>DIMENSÃO PEDAGÓGICA</b>				
Didática da Educação Física	36	36	72	FAED
Educação Física na Educação Infantil	54	18	72	FAED
Educação Física no Ensino Fundamental	54	18	72	FAED
Educação Física no Ensino Médio	54	18	72	FAED
Fundamentos de Didática	72	-	72	FAED
Libras – Língua Brasileira de Sinais	54	18	72	FACED
Política e Gestão Educacional	72	-	72	FAED
Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem	72	-	72	FAED
<b>Total</b>	<b>468</b>	<b>108</b>	<b>576</b>	
<b>NÚCLEO DE FORMAÇÃO AMPLIADA</b>				
Métodos e Técnicas de Pesquisa	54	18	72	FAED
Trabalho de Graduação I	18	36	54	FAED
Trabalho de Graduação II	18	36	54	FAED
<b>Total</b>	<b>90</b>	<b>90</b>	<b>180</b>	

<b>DISCIPLINAS ELETIVAS DO CURSO</b>				
Aprendizagem e Controle motor	36	72	108	FAED
Artes Marciais	36	72	108	FAED
Bases Biológicas da Educação Física	72	-	72	FCBA
Corpo, Corporeidade e Culturas	72	-	72	FAED
Educação à distância	36	72	108	FAED
Educação e Tecnologias da Informação e da Comunicação	36	72	108	FAED
Ética Profissional em Educação Física	72	-	72	FAED
Expressões Rítmicas Corporais	36	72	108	FAED
Recreação e Lazer	36	72	108	FAED
Temas Emergentes em Educação Física	36	72	108	FAED
Tópicos Especiais em Educação Física Escolar e Esportes	72	-	72	FAED
Tópicos Especiais em Educação Física Escolar e Saúde	72	-	72	FAED
<b>Total</b>	<b>324</b>			
<b>ATIVIDADES ARTICULADAS AO ENSINO DE GRADUAÇÃO</b>				
Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento	-	-	240	FAED
Estágio Supervisionado de Educação Física na Educação Infantil			162	FAED
Estágio Supervisionado de Educação Física no Ensino Fundamental			162	FAED
Estágio Supervisionado de Educação Física no Ensino Médio			162	FAED
<b>Total</b>			<b>726</b>	

**Legenda:** CHT – Carga Horária Teórica. CHP – Carga Horária Prática.

# - Disciplinas de Dimensão Pedagógica



## 7.2. RESUMO GERAL DA ESTRUTURA CURRICULAR COM DESCRIÇÃO DA CARGA HORÁRIA NECESSÁRIA PARA A INTEGRALIZAÇÃO DO CURSO

COMPONENTE CURRICULAR	CH
EIXO DE FORMAÇÃO COMUM À UNIVERSIDADE	216
EIXO DE FORMAÇÃO COMUM À ÁREA	288
DISCIPLINAS ESPECÍFICAS DO CURSO	2304
DISCIPLINAS ELETIVAS	324
ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO	486
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	108
ATIVIDADES COMPLEMENTARES	240
<b>TOTAL</b> em horas relógio	<b>3.305</b>
<b>TOTAL</b> em horas-aula	<b>3.966</b>

## 7.3. QUADROS DE COMPONENTES CURRICULAR DE FORMAÇÃO

### 7.3.1 DIMENSÃO DE FORMAÇÃO GERAL

Eixos Temáticos de Formação Comum à Universidade	Carga Horária Teórica
Alimentação Saudável	72
Apreciação Artística na Contemporaneidade	72
Ciência e Cotidiano	72
Conhecimento e Tecnologias	72
Corpo, Saúde e Sexualidade	72
Direitos Humanos, Cidadania e Diversidades	72
Economias Regionais, Arranjos Produtivos e Mercados	72
Educação, Sociedade e Cidadania	72
Ética e Paradigmas do Conhecimento	72
Interculturalidade e Relação Étnicorraciais	72
Linguagens, Lógica e Discurso	72
Sociedade, Meio Ambiente e de Sustentabilidade	72
Sustentabilidade na Produção de Alimentos e de Energia	72
Tecnologia de Informação e Comunicação	72
Território e Fronteiras	72

**Observação:** As Disciplinas Comuns à Universidade (DCU) são organizadas em um banco de 15 componentes, dos quais no mínimo 4 serão ofertados pela FAED a cada ano letivo. Deste total, ao longo do Curso, o aluno deve cursar no mínimo 3 componentes à sua escolha, com recomendação de que sejam cursados 1 por semestre, na primeira metade do curso.

### 7.3.2 COMPONENTES DE DIMENSÃO ARTICULADA AO ENSINO

Disciplina	Carga Horária Teórica
Educação Especial	72
Educação em Direitos humanos	72
Política e Gestão Educacional	72
Tópicos em Cultura e Diversidade Étnicorracial	72
<b>Total de carga horária: 288</b>	<b>288</b>

**Observação:** A área de **Ciências Humanas, Educação e Linguagens** é constituída pelos cursos de Educação Física (FAED), Pedagogia (FAED), Letras (FACALE), Artes Cênicas (FACALE), História (FCH), Geografia (FCH), Ciências Sociais (FCH) e Psicologia (FCH), que têm na formação inicial de todos os seus alunos um conjunto de 4 disciplinas comuns, que todos os alunos deverão cursar, preferivelmente até o sexto semestre do curso.

### 7.3.3 DIMENSÃO PEDAGÓGICA

Disciplina	Carga Horária Teórica
Formação Comum a Área	288
Dimensão Pedagógica	576
Núcleo de Formação Ampliada	126
<b>Total de carga horária:</b>	<b>990</b>

Os componentes curriculares da dimensão pedagógica é atendido somando as quatro dimensões apresentadas neste projeto pedagógico.

### 7.3.4 COMPONENTES DE DIMENSÃO PRÁTICA

Disciplinas	T	P	CHT
Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento			240
<b>Carga Horária</b>			<b>240</b>

**Observação:** Conforme regulamento específico, as atividades de ATPA deverão ser desenvolvidas e comprovadas até o final do curso.

### 7.3.5 COMPONENTES COMO PRÁTICA CURRICULAR

Disciplina	Carga Horária Prática
Teoria e Prática dos Esportes Coletivos I	36
Teoria e Prática dos Esportes Coletivos II	36
Teoria e Prática dos Esportes Coletivos III	36
Teoria e Prática dos Esportes Coletivos IV	36
Teoria e Prática dos Esportes Individuais	36
Teoria e Prática dos Esportes Aquáticos	36
Ginástica Geral	36
Educação Física Adaptada	36
Didática da Educação Física	36
Educação Física na Educação Infantil	18
Educação Física no Ensino Fundamental	18
Educação Física no Ensino Médio	18
Eletivas I	36

Eletivas II	36
Eletivas III	36
<b>Total de carga horária:</b>	<b>486</b>

### 7.3.6 COMPONENTES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Disciplinas	CHT
Estágio Supervisionado de Educação Física na Educação Infantil.	162
Estágio Supervisionado de Educação Física no Ensino Fundamental	162
Estágio Supervisionado de Educação Física no Ensino Médio	162
<b>Carga Horária</b>	<b>486</b>

**Observação:** A carga horária de cada componente curricular de estágio será organizada entre atividade de supervisão coletiva, supervisão/orientação individual, estágio pelo aluno na escola e acompanhamento/supervisão pelo docente na escola (ou espaço educacional), conforme regulamento próprio.

**7.4. MATRIZ CURRICULAR** – Sugestão de distribuição “ideal” de disciplinas por semestres letivos (previsão de oito semestres).

#### PRIMEIRO SEMESTRE IDEAL

NAT	Nome Componente	TCH	CHT
OB	Fundamentos Históricos da Motricidade Humana	54	54
OB	Educação em Direitos humanos	72	72
OB	Eixo temático de formação comum à Universidade	72	72
OB	ELETIVA I	108	72
OB	Anatomia Humana	108	54
<b>Total</b>		<b>414</b>	<b>324</b>

#### SEGUNDO SEMESTRE IDEAL

NAT	Nome Componente	TCH	CHT
OB	Teoria da Educação Física	54	54
OB	Teoria e Prática dos Esportes Coletivos I	108	54
OB	Eixo temático de formação comum à Universidade	72	72
OB	Fundamentos de Didática	72	72
OB	Cinesiologia	72	36
<b>Total</b>		<b>342</b>	<b>270</b>

#### TERCEIRO SEMESTRE IDEAL

NAT	Nome Componente	TCH	CHT
OB	Didática da Educação Física	72	36
OB	Teoria e Prática dos Esportes Coletivos II	108	54
OB	Eixo temático de formação comum à Universidade	72	72
OB	Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem	72	72
OB	Bases Fisiológicas Aplicadas à Educação Física I	72	72
<b>Total</b>		<b>360</b>	<b>288</b>

**QUARTO SEMESTRE IDEAL**

<b>NAT</b>	<b>Nome Componente</b>	<b>TCH</b>	<b>CHT</b>
OB	Educação Física no Ensino Fundamental	72	72
OB	Bases Fisiológicas Aplicadas à Educação Física II	72	18
OB	Teoria e Prática dos Esportes Aquáticos	72	36
OB	Laboratório de Textos Científicos I	72	36
OB	Educação Física na Educação Infantil	72	54
OB	Política e Gestão Educacional	72	72
<b>Total</b>		<b>432</b>	<b>270</b>

**QUINTO SEMESTRE IDEAL**

<b>NAT</b>	<b>Nome Componente</b>	<b>TCH</b>	<b>CHT</b>
OB	Teoria e Prática dos Esportes Coletivos III	108	54
OB	Métodos e Técnicas de Pesquisa	72	54
OB	Medidas e Avaliação na Educação Física	72	36
OB	Educação Especial	72	72
OB	Tópicos em Cultura e Diversidade Étnicorracial	72	72
	Estágio Supervisionado de Educação Física na Educação Infantil	162	-
<b>Total</b>		<b>558</b>	<b>306</b>

**SEXTO SEMESTRE IDEAL**

<b>NAT</b>	<b>Nome Componente</b>	<b>TCH</b>	<b>CHT</b>
OB	Trabalho de Conclusão de Curso I (TCCI)	54	36
OB	Estágio Supervisionado de Educação Física na Educação do Ensino Fundamental	162	---
OB	Teoria e Prática dos Esportes Coletivos IV	108	54
OB	Educação Física no Ensino Médio	72	72
OB	Teoria e Prática dos Esportes Individuais	108	72
OB	Teoria do Treinamento Físico	72	54
<b>Total</b>		<b>576</b>	<b>288</b>

**SÉTIMO SEMESTRE IDEAL**

<b>NAT</b>	<b>Nome Componente</b>	<b>TCH</b>	<b>CHT</b>
OB	Atividade Física e Saúde	72	54
OB	Ginástica na Escola	108	72
OB	LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais	72	72
OB	Estágio Supervisionado de Educação Física na Educação do Ensino Médio	162	---
EL	Eletiva II	108	36
OB	Trabalho de Conclusão de Curso II (TCCII)	54	18
<b>Total</b>		<b>576</b>	<b>252</b>

**OITAVO SEMESTRE IDEAL**

<b>NAT</b>	<b>Nome Componente</b>	<b>TCH</b>	<b>CHT</b>
EL	Eletiva III	108	36
OB	Educação Física Adaptada	90	54
OB	Organização de Eventos Esportivos	54	18
OB	Educação Física e Socorros de Urgência	54	36
OB	Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento	240	---
<b>Total</b>		<b>546</b>	<b>144</b>

**7.5 TABELA DE EQUIVALÊNCIA DAS DISCIPLINAS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

<b>Componente Curricular</b>	<b>CH</b>	<b>Componente Curricular</b>	<b>CH</b>
Anatomia Humana I	54	Anatomia Humana	108
Anatomia Humana II	54		
Cinesiologia	54	Cinesiologia	72
Educação Física nos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio	90	Educação Física no Ensino Fundamental	72
		Educação Física no Ensino Médio	72
Educação Física na Educação Infantil e nos Anos iniciais do Ensino Fundamental	72	Educação Física na Educação Infantil	72
Estágio Supervisionado e Prática de Ensino de Educação Física na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental	180	Estágio Supervisionado de Educação Física na Educação Infantil	162
Estágio Supervisionado e Prática de Ensino de Educação Física nos Anos Finais do Ensino Fundamental	180	Estágio Supervisionado de Educação Física na Educação do Ensino Fundamental	162
Estágio Supervisionado e Prática de Ensino de Educação Física no Ensino Médio	144	Estágio Supervisionado de Educação Física na Educação do Ensino Médio	162
Educação Física Adaptada	54	Educação Física Adaptada	90
Educação Física e Socorros de Urgência	36	Educação Física e Socorros de Urgência	54
Fisiologia Humana e do Exercício	90	Bases Fisiológicas Aplicadas à Educação Física I	72
		Bases Fisiológicas Aplicadas à Educação Física II	72
Ginástica na Escola	54	Ginástica Geral	108
Medidas e Avaliação na Educação Física	36	Medidas e Avaliação na Educação Física	72
Organização de Eventos Esportivos	36	Organização de Eventos Esportivos	54

Prescrição de Exercícios em Ed. Física Escolar	36	Atividade Física e Saúde	72
Natação na Escola	72	Teoria e Prática dos Esportes Aquáticos	108
Futebol e Futebol de Salão na Escola	72	Teoria e Prática dos Esportes Coletivos I	108
Handebol na Escola	72	Teoria e Prática dos Esportes Coletivos II	108
Basquetebol na Escola	72	Teoria e Prática dos Esportes Coletivos III	108
Voleibol na Escola	72	Teoria e Prática dos Esportes Coletivos IV	108
Atletismo na Escola	72	Teoria e Prática dos Esportes Individuais	108
Teoria do Treinamento Escolar	54	Teoria do Treinamento Físico	72
Normas Jurídicas Legais da Educação Brasileira	72	Política e Gestão Educacional	72
Pesquisa em Educação Física	54	Trabalho de Graduação I	54
Trabalho de Graduação	54	Trabalho de Graduação II	54

## 8. EMENTÁRIO DE COMPONENTES CURRICULARES

### 8.1 EMENTAS DAS DISCIPLINAS DO EIXO COMUM À UNIVERSIDADE

**ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL:** da produção ao consumo. Modelos alimentares: dieta ocidental, dieta mediterrânea, dieta vegetariana, dietas alternativas, guia alimentar; Diretrizes para uma alimentação saudável; Elos da cadeia produtiva: produção, indústria, comércio e consumo; Relação da produção de alimentos e alimentação saudável.

**APRECIÇÃO ARTÍSTICA NA CONTEMPORANEIDADE:** Conceituações de arte; Degustação de obras de arte diversas; Modalidades artísticas; Arte clássica e arte popular; Artes do cotidiano; Engajamento estético, político, ideológico na arte; Valores expressos pela arte.

**CIÊNCIA E COTIDIANO:** Poder, discurso, legitimação e divulgação da ciência na contemporaneidade; princípios científicos básicos no cotidiano; democratização do acesso à ciência; ficção científica e representações sobre ciência e cientista.

**CONHECIMENTO E TECNOLOGIAS:** Diferentes paradigmas do conhecimento e o saber tecnológico; conhecimento, tecnologia, mercado e soberania: tecnologia, inovação

e propriedade intelectual; tecnologias e difusão do conhecimento; tecnologia, trabalho, educação e qualidade de vida.

**CORPO SAÚDE E SEXUALIDADE:** Teorias do corpo; Arte e corpo; Corpo: organismo, mercadoria, objeto e espetáculo; O corpo disciplinado, a sociedade do controle e o trabalho; O corpo libidinal e a sociedade; Corpo, gênero e sexualidade.

**DIREITOS HUMANOS, CIDADANIA E DIVERSIDADES:** Compreensão histórica dos direitos humanos; Multiculturalismo e relativismo cultural; Movimentos sociais e cidadania; Desigualdades e políticas públicas; Democracia e legitimidade do conflito.

**ECONOMIAS REGIONAIS, ARRANJOS PRODUTIVOS E MERCADOS:** Globalização, produção e mercados; Desenvolvimento e desigualdades regionais; Arranjos produtivos e economias regionais; Regionalismo e Integração Econômica.

**EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E CIDADANIA:** A educação na formação das sociedades; Educação, desenvolvimento e cidadania; Políticas públicas e participação social; Políticas afirmativas; Avaliação da educação no Brasil; Educação, diferença e interculturalidade.

**ÉTICA E PARADIGMAS DO CONHECIMENTO:** Epistemologia e paradigmas do conhecimento; conhecimento científico e outras formas de conhecimento; conhecimento, moral e ética; Interface entre ética e ciência; bioética.

**INTERCULTURALIDADE E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS. TEORIAS DA ETNICIDADE:** Teorias Raciais; Interculturalidade, Diversidade de Saberes e Descolonização dos Saberes; História e Cultura Afro-brasileira em Mato Grosso do Sul; História e Cultura Indígena em Mato Grosso do Sul; Colonialidade e Relações de Poder nas Relações Étnico-raciais; O fenômeno do Preconceito Étnico-racial na Sociedade Brasileira; Políticas Afirmativas e a Sociedade Brasileira.

**LINGUAGENS, LÓGICA E DISCURSO:** Linguagem, mídia e comunicação; princípios de retórica e argumentação; noções de lógica; diversidade e discursos.

**SOCIEDADE, MEIO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE:** Relações entre sociedade, meio ambiente e sustentabilidade; modelos de desenvolvimento; economia e meio ambiente; políticas públicas e gestão ambiental; responsabilidade social e ambiental; educação ambiental.

**SUSTENTABILIDADE NA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS E ENERGIA:** Sustentabilidade econômica, social e ambiental; Uso sustentável de recursos naturais e capacidade de suporte dos ecossistemas; Padrões de consumo e impactos da produção de alimentos e energia; Relação de sustentabilidade nos processos e tecnologias de produção de alimentos e energia; Produção Interligada de Alimentos e Energia.

**TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO.** Redes De comunicação; Mídias digitais; Segurança da informação; Direito digital; E-science (e-ciência); Cloud Computing; Cidades inteligentes; Bioinformática; Elearning; Dimensões sociais, políticas e econômicas da tecnologia da informação e comunicação; Sociedade do conhecimento, cidadania e inclusão digital; Oficinas e atividades práticas.

**TERRITÓRIOS E FRONTEIRAS.** Estado, nação, culturas e identidades; Processos de Globalização/ Mundialização, Internacionalização e Multinacionalização; Espaço econômico mundial; Soberania e geopolítica; Territórios e fronteiras nacionais e étnicas; Fronteiras vivas.

## 8.2 DISCIPLINAS DO EIXO DE FORMAÇÃO COMUM À ÁREA

**EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS:** Compreensão das bases conceituais dos direitos humanos. Afirmção histórica e internacionalização dos direitos humanos. Direitos Humanos, interculturalidade e reconhecimento. Democracia, ações afirmativas e direitos humanos. Classe, Gênero, Raça/Etnia, Natureza e Meio ambiente na perspectiva dos direitos humanos. Direitos Humanos, violência e punição na contemporaneidade. Cidadania e Direitos humanos no Brasil: avanços e resistências. Princípios pedagógicos e metodológicos para uma educação em e para os direitos humanos.

### **Bibliografia Básica:**

MARSHALL, T. H. Cidadania, classes social e status. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1967. 220p.

PIOVESAN, Flavia. Temas de direitos humanos. 7.ed. São Paulo: Saraiva, 2014. 608p.

BENEVIDES, MARIA VICTORIA DE MESQUITA E SCHILLING, FLAVIA. Direitos humanos e educação: outras palavras, outra pratica. São Paulo, SP: Cortez, 2005. 264p.

### **Bibliografia Complementar:**

CARVALHO, JOSE MURILO DE. Cidadania no Brasil: o longo caminho. 14. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2011. 236p.

CALDEIRA, TERESA PIRES DO RIO. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo, SP: Ed. 34, 2000. 399p.

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. Ética, educação, cidadania e direitos humanos: estudos filosoficos entre cosmopolitismo e responsabilidade social. Sao Paulo: Manole, 2004. 268p.

DALLARI, DALMO DE ABREU. Direitos humanos e cidadania. 2. São Paulo: Moderna, 2009. 112p.

VIEIRA, Jose Carlos; PINHEIRO, Paulo Sergio de M. S. Democracia e direitos humanos no Brasil. São Paulo, SP: Loyola, 2005. 153p.

SANTOS, BOAVENTURA DE SOUSA. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. 11. São Paulo: Cortez, 2006. 348p.

**EDUCAÇÃO ESPECIAL:** Marcos conceitual, políticos e normativos da Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva. Diversidade, cultura e bilinguismo: implicações no cotidiano escolar. Práticas pedagógicas inclusivas: adequações



curriculares, metodológicas e organizacionais do sistema escolar. Transtorno do Espectro do Autismo: definições conceituais, aspectos legais e constructos pedagógicos. A formação de professores em Educação Especial para a inclusão escolar com vistas ao atendimento das pessoas com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação nos diferentes níveis de ensino.

## **EDUCAÇÃO ESPECIAL:**

### **Bibliografia Básica:**

BRASIL. Coordenadoria Nacional para Integração de Pessoas Portadoras de Deficiências. **Declaração de Salamanca e Linhas de Ação sobre Necessidades Educacionais Especiais**. Brasília: MEC, 1994.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC/SEESP, 1996.

\_\_\_\_\_. **Inclusão: Direito à diversidade. V. 1, 2, e 3**. Brasília, 2004.

\_\_\_\_\_. **Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC; SEESP, 2008.

\_\_\_\_\_. Lei no. 12.764 de 27 de dezembro de 2012 institui a **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Ministério da Justiça. Brasília, 2012.

BRUNO, M. M. G. **Saberes e Práticas da Inclusão no Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

\_\_\_\_\_. **A construção da Escola Inclusiva: uma análise das políticas públicas e da prática pedagógica no contexto da educação infantil**. Ensaio Pedagógico, Programa Educação Inclusiva: Direito à Diversidade. MEC/SEESP, Brasília, 2007.

ASSUMPÇÃO, JR., F.B.; KUCZYNSKI, E. **Autismo Infantil: novas tendências e perspectivas**. 2ª. Edição. São Paulo: Editora Atheneu, 2015 (Série de Psiquiatria: da infância à adolescência).

SCHWARTZMAN, J., S.; ARAÚJO, C., A. **Transtornos do espectro do autismo**. São Paulo: Memnon, 2011.

### **Bibliografia Complementar:**

COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. A. (org.). **Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. Porto Alegre: Artmed editora, 2004.

EMMEL, M. L. G. **Deficiência mental**. In: Escola Inclusiva. PALHARES, M. S; MARINS, S. C. F. (org.), São Carlos: EdUFSCar, 2002. p. 141-153.

MARCHESI, A.; MARTÍN, E. Da terminologia do distúrbio às necessidades educacionais especiais. In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. (org.). **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Tradução Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 7-28.

MENDES, E. G. **Inclusão marco zero: começando pelas/creches**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2010.

RODRIGUES, D. (org.) **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.

SCHMIDT, C. (Org). **Autismo, Educação e Transdisciplinariedade**. São Paulo: Editora Papirus, 2014.

**LABORATÓRIO DE TEXTOS CIENTÍFICOS I:** Leitura, estudo, escrita e reescrita dos seguintes gêneros textuais: esquema, resumo, resenha, fichamento, seminário. Normas da ABNT.

**Bibliografia Básica:**

BLIKSTEIN, IZIDORO. **Técnicas de comunicação escrita**. 10. São Paulo: Ática, 1992.

FEITOSA, VERA CRISTINA. **Redação de textos científicos**. Campinas: Papyrus, 1991.

KOCH, I. G. V. **Coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. São Paulo, SP: Contexto, 1990.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica: a prática de fichamento, resumos, resenhas**. São Paulo, SP: Atlas, 1991. 144p.

**Bibliografia Complementar:**

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CARRAHER, D. W. **Senso Crítico: do dia-a-dia às ciências humanas**. São Paulo: Pioneira, 1993.

CEREJA, W. R. & MAGALHÃES, T. C. **Português linguagens: literatura, produção de texto e gramática 1**. São Paulo: Atual, 2004.

FÁVERO, L. L. & Koch, I. G. V. **Linguística textual: introdução**. São Paulo: Cortez editora, 2005.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

PLATÃO, F.S. & FIORIN, J.L. **Para atender o texto**. Leitura e redação. 2.ed. São Paulo: Ática, 1991.

MAINGUENEAU, D. **Análises de textos de comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

**POLÍTICAS E GESTÃO EDUCACIONAL:**

Política pública de educação: conceito, ferramentas, agentes e processos. Planos Nacionais de Educação e a organização do Sistema Nacional de Educação. Administração e gestão educacional: conceitos, especificidades. A organização da educação nacional. Organização e gestão da escola: direção, coordenação pedagógica e avaliação. Mecanismos, processo e instrumentos de democratização da gestão escolar.

**Bibliografia Básica:**

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 1996.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília, DF, junho de 2014.

DOURADO, Luiz Fernandes. Educação básica no Brasil: políticas, planos e sistema nacional de educação. **Revista ELO**, v. elo 22, p. 177-186, 2015.

DOURADO, Luiz Fernandes. Sistema Nacional de Educação, Federalismo e os obstáculos ao direito à educação básica. **Educação & Sociedade** (Impresso), v. 34, p. 761-785, 2013.

OLIVEIRA, Romualdo Portela de. Da universalização do ensino fundamental ao desafio da qualidade: uma análise histórica. **Educ. Soc.**, vol.28, no.100, out 2007.

SANDER, Benno. **A administração educacional no Brasil**. Brasília: Líber livro, 2007.

PERONI, Vera Maria Vidal. **Política educacional e papel do estado no Brasil dos anos 1990**. São Paulo: Xama, 2003.

#### **Bibliografia Complementar:**

ARELARO, L. R. Resistência e submissão: a reforma educacional na década de 1990. In: KRAWCZYK, N; CAMPOS, M. M.; HADDAD, S. **O cenário educacional latino-americano no limiar do século XXI: reformas em debate**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 1988.

DOURADO, Luiz Fernandes. Políticas e gestão da educação básica no Brasil: limites e perspectivas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 – Especial, p. 921-946, out. 2007.

FERREIRA, N. S. C. **Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios**. 8. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2013.

FERREIRA, N.S. C. (Org.). **Políticas Públicas e Gestão da Educação: polêmicas, fundamentos e análises**. Brasília: Liber Livro Editora, 2006.

LIBÂNIO, José Carlos e outros. (Org) **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. S P: Cortez, 2003.

LOURENCO FILHO, MANUEL BERGSTROM. **Organização e administração escolar**. Brasília: INEP, 2007.

REVISTA BRASILEIRA DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO. **A Constituição Federal 25 anos depois: balanços e perspectivas da participação da sociedade civil nas políticas educacionais**. Porto Alegre, RS, v. 29, n. 2, 2013.

REVISTA BRASILEIRA DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO. **Desafios da gestão escolar: concepções e práticas**. Porto Alegre, RS, v. 31, n. 1, 2015.

**TÓPICOS EM CULTURA E DIVERSIDADE ÉTNICORRACIAL:** Cultura, diversidade, pluralismo, identidade e reconhecimento. Introdução à História e cultura africana e afro-brasileira. Cultura, artes e linguagens africanas e afro-brasileiras. Cultura, artes e linguagens indígenas.

#### **TÓPICOS EM CULTURA E DIVERSIDADE ÉTNICORRACIAL:**

##### **Bibliografia Básica:**

DEL PRIORE, Mary e Venâncio, Renato. **Ancestrais. Uma introdução à história da África Atlântica**. Rio de Janeiro, Editora Atlântica. Rio de Janeiro, Editora Campus, 2004.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. 3. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2007.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 20. ed. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2006.

ROCHA, Maria José e Pantoja, Selma (orgs.). **Rompendo Silêncios: História da África nos currículos da educação básica**. Brasília: DP Comunicações, 2004.

##### **Bibliografia Complementar:**

- AGUIAR, Márcio Mucedula. **A especificidade da ação afirmativa no Brasil: o caso do centro Nacional de Cidadania Negra em Uberaba-MG.**Dourados: Ed. UFGD, 2009.
- CUCHE, DENYS. **A noção de cultura nas ciências sociais.** 2 ed. Bauru: Edusc, 2002.
- MUNANGA, K. (Org.). MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos.** 2 ed. São Paulo: Ática, 1988.
- NASCIMENTO, A.C. **Escola indígena: o palco das diferenças.** Campo Grande: UCDB, 2004.
- PEREIRA, Levi Marques. **Os Terena de Buriti: formas organizacionais, territorialização e representação da identidade étnica.** Dourados, MS: Ed. UFGD, 2009.
- SANTOMÉ, J.T. **As culturas negadas e silenciadas no currículo.** In: SILVA, T.T. (Org.). *Alienígenas em sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação.* Petrópolis: Vozes, 1995.
- SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais.** 4. ed. São Paulo, SP: Loyola, 1993.

### 8.3 NÚCELO DE FORMAÇÃO ESPECÍFICOS

#### **Disciplina: ANATOMIA HUMANA**

TCH: 60

**Ementa:** Abordagens específicas acerca da anatomia humana, em termos bibliográficos e laboratoriais abrangendo os sistemas esquelético, muscular, articular, circulatório, respiratório, digestivo, nervoso, urogenital, tegumentar, endócrino, ótico e auditivo tanto sob o ponto de vista microscópico, quanto macroscópico.

#### **Básica**

MYERS, Thomas W.; Jarmey, Chris. **O corpo em movimento:** uma abordagem concisa. São Paulo: Manole, 2008.

SPENCE, Alexander. **Anatomia Humana Básica.** São Paulo: Manole, 1991.

WIRHED, Rolf. **O corpo em movimento:** uma abordagem concisa. São Paulo: Manole, 2002.

#### **Complementar**

DANGELO, J. G. ; FATTINI, C. A. **Anatomia Humana Sistêmica e Segmentar.** 2 ed. São Paulo: Atheneu, 2004.

NETTER, F. H. **Atlas de Anatomia Humana.** 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SOBBOTTA, J.; PUTZ, R. **Atlas de Anatomia Humana.** 21 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

#### **Disciplina:ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE**

TCH: 60

**Ementa:** Conceitos e definições éticas; as dimensões intervenientes na aptidão física; a aptidão física como processo científico; a planificação do treinamento morfo-funcional; as leis bio-metodológicas regentes dos exercícios físicos; Estruturação e controle dos ciclos de treinamento 4; A prescrição do treinamento morfo-funcional

#### **Básica**

AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE (1987) **Guia para teste de esforço e prescrição de exercício.** Rio de Janeiro, Revinter, 435P

KARVONEN, J.; KENTALA, E. & MUSTALA, O. (1957) The effects of training heart rate: a longitudinal study. **Annales Medicine Experimentalis et Biologicae.** n. 35 p. 307 – 315.

POLLOCK, M.L. & WILMORE, J.H. (1993) **Exercícios na saúde e na doença: avaliação e prescrição para prevenção e reabilitação.** 2 ed. Rio de Janeiro, Medsi.

#### **Complementar**

POWERS, S.K. & HOWLEY, E. (1999) **Fisiologia do exercício: teoria e aplicação ao condicionamento e ao desempenho.** São Paulo, Manole.

DANTAS, Estelio Henrique Martins. Condicionamento físico para não atleta. Campo Grande, MS : Secretaria Estadual do Desenvolvimento do Desporto e Lazer, 1987. 52p.

GOMES, Antonio Carlos . Treinamento desportivo: estruturação e periodização. 2.ed. Porto Alegre : Artmed, 2009. 276p. . 9788536319483.

PITANGA, Francisco José Gondim. Testes, medidas e avaliação em educação física e esportes. 5. ed. Salvador : Phorte, 2008. 223. 9788576551119.

MCARDLE, William D; KATCH, Victor L; KATCH, Frank I. Fisiologia do exercício: energia, nutrição e desempenho humano. Rio de Janeiro, RJ : Guanabara Koogan, 2010. 1061p. 9788527718165.

#### **ATIVIDADES EXPRESSÕES RÍTMICAS E CORPORAIS**

**Ementa:** Estudo dos ritmos musicais. Compreensão de tempo, espaço e composição coreográficas ligados ao exercício corporal do profissional da educação física  
Construção de técnicas aulas corporais do movimento no ambiente da ginástica e dos ritmos dançantes.

#### **Bibliografia básica**

BREGOLATO, R. A. *Cultura corporal da dança. Vol.1.* São Paulo: Ícone, 2000.

CAMINADA, E. **História da dança.** Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

GASPARI, T. C. Atividades Rítmicas e Expressivas nas Salas de Educação Física. In:

#### **Bibliografia complementar**

DARIDO, S. C. MAITINO, E. M. (orgs.). **Pedagogia cidadã:** Cadernos de Formação: educação física. São Paulo: Unesp, 2004. p. 139-60.

DARIDO, S. C. Ritmo Movimento e dança. In: \_\_\_\_\_. **Para ensinar educação física:** possibilidades de intervenção na escola. Campinas-SP: Papyrus, 2007. p. 205-219.

#### **BASES FISIOLÓGICAS APLICADAS A EDUCAÇÃO FÍSICA I**

**Ementa:** Definição de Fisiologia Humana. Neurofisiologia e o exercício. Fisiologia Cardiovascular e o exercício. Fisiologia respiratória e o exercício. Fisiologia renal e o exercício. Fisiologia Endócrina e o exercício. Fisiologia Digestória e o exercício.

#### **Bibliografia Básica**

GUYTON, Arthur C; HALL, John E. **Tratado de fisiologia medica.** Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2006. 1115p.

COSTANZO, Linda S. **Fisiologia.** 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2011. 496p.

MCARDLE, William D; KATCH, Victor L; KATCH, Frank I. **Fisiologia do exercicio:** energia, nutricao e desempenho humano. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2010. 1061p.

#### **Bibliografia complementar**

BERNE, ROBERT M. **Fisiologia**. 5. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 1082p.

AIRES, MARGARIDA DE MELLO; CAMPA, ANA ...[ET AL], COLAB. **Fisiologia**. . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991. 795p.

DOUGLAS, Carlos Roberto. **Fisiologia aplicada a nutrição**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2006. 1074p.

DOUGLAS, Carlos Roberto. **Tratado de fisiologia aplicada as ciencias medicas**. 6.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 1404p.

PEREIRA, BENEDITO; SOUZA JUNIOR, TACITO PESSOA DE. **Metabolismo celular e exercicio físico:** aspectos bioquímicos e nutricionais. 2. São Paulo: 2007. 232p.

### **BASES FISIOLÓGICAS APLICADAS A EDUCAÇÃO FÍSICA II**

**Ementa:** Bioenergética. Capacidades Aeróbias e Anaeróbias. Testes Físicos. Exercício Físico e o Estresse Ambiental. Recursos Ergogênicos. Exercício Físico e a Criança e o Adolescentes.

#### **Bibliografia Básica**

MCARDLE, William D; KATCH, Victor L; KATCH, Frank I. **Fisiologia do exercicio:** energia, nutricao e desempenho humano. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2010. 1061p.

WILMORE, Jack H; COSTILL, David L; KENNEY, W. Larry. **Fisiologia do esporte e do exercicio**. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2010. 594p.

POWERS, Scott Kline; HOWLEY, Edward T. **Fisiologia do exercicio:** teoria e aplicacao ao condicinamento fisico e ao desempenho. 6. ed. Barueri, SP: Manole, 2009. 646p.

#### **Bibliografia complementar**

BROWN, Lee E. Treinamento de forza. Sao Paulo: Manole, 2008. 369p.

DAVIS, Shala E; DWYER, Gregory B. Manual do ACCM para avaliacao da aptidao fisica relacionada a saude. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 175p.

PITANGA, Francisco Jose Gondim. Testes, medidas e avalicao em educacao fisica e esportes. 5. ed.. Salvador : Phorte, 2008. 223p.

HOWLEY, Edward T; FRANKS, B. Don . Manual de condicionamento fisico. 5. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2008. 567p.

KISS, Maria Augusta Pedutti Dal'Molin . Esporte e exercicio : avaliacao e prescricao. Sao Paulo: Roca, 2003. 407p.

### **CINESIOLOGIA**

**Ementa:** Conceituação de Cinesiologia. Cinemática e Cineantropometria. O corpo humano em movimento. Identificação da ação de grupos musculares específicos em

movimentos distintos. Sequências motoras simples e complexas. Mecânica, óssea, articular e muscular: o corpo humano como um sistema de alavancas.

### **Bibliografia Básica**

- HALL, Susan J. **Biomecânica básica**. 5. ed. São Paulo, SP: Manole, 2009. 542p.  
 HAMILL, JOSEPH; KNUTZEN, KATHLEEN M. **Bases biomecânicas do movimento humano**. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2008. 494 pp.  
 MARCHETTI, Paulo; CALHEIROS, Ruy; CHARRO, Mario. **Biomecânica aplicada: uma abordagem para o treinamento de força**. São Paulo: Phorte, 2007. 287p.

### **Bibliografia complementar**

- LIMA, Vicente. **Cinesiologia do Alongamento**. 3ª edição - Sprint.  
 LIMA, C. S. ; Pinto, R. S. **Cinesiologia e Musculação**. 1ª edição - Artmed.  
 NETTER, Frank H. Atlas de anatomia humana. 3. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2003. 542p.  
 RASCH, Philip J. **Cinesiologia e anatomia aplicada**. 7. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 1991. 204p.  
 SPENCE, Alexander P Alexander P. Spence; ilustrado por Fran Milner Anatomia humana básica 2 São Paulo Manole 1991 713 Anatomia humana DCM BBEDUFIS/BBPSICO

### **Disciplina: CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO HUMANO**

TCH: 60

**Ementa:** Fatores determinantes no crescimento e no desenvolvimento do ser humano. Relações entre o desenvolvimento físico, motor e emocional. As gradações relativas às fases de crescimento. As atividades motoras e suas implicações no processo de desenvolvimento da criança. As adequações das práticas corporais às diferentes faixas maturacionais.

#### **Básica**

- HAYWOOD, K. M.; GETCHELL, N. **Desenvolvimento Motor ao longo da vida**. 5ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2004.  
 GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C.; GOODWAY, Jackie D. Compreendendo o Desenvolvimento Motor: Bebês, Crianças, Adolescentes e Adultos. AMGH, 2013  
 BEE, Helen. A criança em desenvolvimento. 9 ed. Porto Alegre: Artes Medicas, 2008. 612p. 85-7307-134-6.

#### **Complementar**

- HURTADO, Johann G. G. Melcherts. Educação física pré-escolar e escolar 1ª a 4ª série: uma abordagem psicomotora. 2. ed. Curitiba, PR : Educa, 1983. 170p.  
 MOORE, Keith L; PERSAUD, T. V. N. Embriologia básica. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ : Guanabara Koogan, 2000. 453p. 8527705524.  
 ROSA, Merval. Psicologia evolutiva. 5. ed. Petropolis : Vozes, 1991. 85-326-0523-0.

### **DIDÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Ementa:** Introdução ao estudo da didática da Educação Física. As distintas concepções de ensino em Educação Física Escolar. Planejamento, plano de aula e metodologia.

#### **Bibliografia básica**

- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1995.  
 PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evando (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005.  
 KUNZ, E. Transformação didático-pedagógica do esporte. Injuí, RS: Ed. Unijuí, 2003.

**Bibliografia complementar**

CASTRO, Amélia Domingues de; CARVALHO, Anna Maria Pessoa (Orgs.). **Ensinar a ensinar:** didática para a escola fundamental e média. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

BETTI, M. et al. Por uma Didática da possibilidade: implicações da fenomenologia de Merleau-Ponty para a Educação Física. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Campinas, Autores Associados, v. 28, n. 2, p. 39-53, jan. 2007.

BRACHT, V.; CAPARROZ, F. E. O tempo e o lugar de uma Didática da Educação Física. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Campinas, Autores Associados, v. 28, n. 2, p. 21-37, jan. 2007.

OSORIO, Alda Maria nascimento (Org.). **Trabalho docente:** os professores e sua formação. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia.** Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Edição Comemorativa)

**Disciplina: EDUCAÇÃO FÍSICA E SOCORROS DE URGÊNCIA**

TCH: 60

**Ementa:** Socorros imediatos nas aulas de Educação Física Escolar. Definição de urgência. Atestado médico do discente como salvaguarda do docente. Cuidados especiais, procedimentos gerais e procedimentos específicos ante ocorrências imprevistas durante a prática desportiva. Os materiais para socorros de urgência: organização, manejo e utilização. Procedimentos imediatos perante distúrbios orgânicos oriundos de condições extremas de temperatura, transporte de pessoas feridas, lesionadas ou inconscientes.

**Básica**

GARCIA, Sérgio Britto. **Primeiros Socorros:** Fundamentos e Práticas na Comunidade, no Esporte e no Ecoturismo. São Paulo: Atheneu, 2001.

GONÇALVES, Agnaldo et al. **Saúde Coletiva e urgência em Educação Física e Esportes.** Campinas: Papirus, 1997.

NOVAES, Jefferson da Silva. **Manual de Primeiros Socorros para a Educação Física.** Rio de Janeiro, Sprint, 2004.

**Complementar**

Emergências clínicas: abordagem prática. 3. ed. Barueri, SP: Manole, 2007. 1052p. 9788520426579.

GALVÃO-ALVES, José . Emergências clínicas . Rio de Janeiro . , 2007. 898p., [32]p. de estampas. 8587600788 (enc.).

MOORE, Keith L; AGUR, Anne M. R; DALLEY, Arthur F. Anatomia orientada para a clínica. 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2013. 1104p. 9788527716970.

Pronto-socorro: diagnóstico e tratamento em emergências. 2. ed. Barueri, SP: Manole, 2008. 2178p. 9788520427729.

Suporte avançado de vida no trauma para médicos - ATLS: manual do curso para alunos. 8.ed . Chicago, USA: American College of Surgeons, 2008. 366p. 9781880696316.



Timermann, Sergio...[et al]. Suporte basico e avancado de vida em emergencias. Brasilia: CAMARA DOS DEPUTADOS, 2000. 753p. ISBN 85-7365-110-5

### **EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA**

**Ementa:** Aspectos históricos da Atividade Motora Adaptada. Adaptações e estratégias para o trabalho com atividade motora adaptada. Lazer e esporte para pessoas com deficiência. Esporte paralímpico como fenômeno da contemporaneidade.

#### **Bibliografia Básica**

GORGATTI, Márcia Greguol; COSTA, Roberto Fernandes da (Orgs.). **Educação Física Adaptada**. São Paulo: Manole, 2004.

CASTRO, E. **Atividade Física Adaptada**. Ribeirão Preto. São Paulo, Tecmed, 2005.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L. **O esporte paralímpico no Brasil**. São Paulo: Phorte, 2014.

ARAÚJO, P. F. **Desporto Adaptado no Brasil**. São Paulo: Phorte, 2011.

#### **Bibliografia Complementar**

TEIXEIRA, Luzimar. **Atividade Física Adaptada e Saúde**. São Paulo: Phorte, 2008.

PORTO, Eline T. R. **A corporeidade do cego**. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 2005.

SILVA, R. F.; SEABRA JUNIOR, L.; ARAÚJO, P. F. **Educação Física Adaptada: da história a inclusão educacional**. São Paulo: Phorte, 2008.

GORLA, J. I.; OLIVEIRA, L. Z.; CAMPANA, M. B. **Teste e avaliação em esporte adaptado**. São Paulo: Phorte, 2009.

CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. **Introdução à Educação Física Adaptada para pessoas com deficiência**. Curitiba: UFPR, 2009.

### **EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**Ementa:** As atividades motoras e a ludicidade na infância. As aulas de Educação Física na perspectiva da cultura infantil. A criança como ser capaz e histórico. Motricidade *versus* sedentarismo infantil. Jogos e brincadeiras na Educação Física Infantil.

#### **Bibliografia básica :**

FREIRE, João Batista, SCAGLIA, Alcides. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

DARIDO, S.C. et al. **Educação Física na Escola: implicações para prática pedagógica**. RJ: Guanabara Koogan, 2005.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. Campinas: Papyrus, 1987.

#### **Bibliografia Complementar:**

LORO, Alexandre P. **Formação de Professores e Representações sobre o Brincar**. Ícone Editora. Coleção Conhecimento e Vida, 2010.

TAVARES, Regina Márcia M. **Brinquedos & Brincadeiras - Patrimônio Cultural da Humanidade**. Editora Pontes, 2004.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Repertório de Atividades de Recreação e Lazer**, Papyrus, 2005.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física: São Paulo** Cortez, 1992.

## **EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Ementa:** Atividades motoras e desporto-recreativas no final da infância, na pré-adolescência e na adolescência. As práticas corporais coletivas e individuais na formação do caráter do ser humano e como instâncias sociabilizantes.

### **Bibliografia Básica:**

GRESPAN, Márcia Regina. **A Educação física no ensino fundamental: primeiro ciclo.** Campinas, SP: Papirus, 2008.

FREIRE, João Batista, SCAGLIA, Alcides. **Educação como prática corporal.** São Paulo: Scipione, 2003.

DARIDO, S.C. et al. **Educação Física na Escola: implicações para prática pedagógica.** RJ: Guanabara Koogan, 2005.

### **Bibliografia Complementar:**

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** Ijuí: UNIJUÍ, 2003.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C. **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados.** Sao Paulo: Phorte, 2013.

DARIDO, Suraya C. e outros. **Educação Física e Temas Transversais na Escola.** Editora Papirus, 2005

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Repertório de Atividades de Recreação e Lazer,** Papirus, 2005.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação.** Campinas: Papirus, 1987.

## **EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO**

**Ementa:** A maturação pré pubertária e pubertária. O desenvolvimento da autonomia, da cooperação, da participação social e da afirmação de valores e de princípios democráticos do aluno, a partir das questões relativas à cultura corporal.

### **Bibliografia Básica:**

FREIRE, João Batista, SCAGLIA, Alcides. **Educação como prática corporal.** São Paulo: Scipione, 2003.

DARIDO, S.C. et al. **Educação Física na Escola: implicações para prática pedagógica.** RJ: Guanabara Koogan, 2005.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação.** Campinas: Papirus, 1987.

### **Bibliografia Complementar:**

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** Ijuí: UNIJUÍ, 2003.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C. **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados.** Sao Paulo: Phorte, 2013.

DARIDO, Suraya C. e outros. **Educação Física e Temas Transversais na Escola.** Editora Papirus, 2005

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Repertório de Atividades de Recreação e Lazer,** Papirus, 2005.

CHEMIN, Beatris Francisca. **Políticas públicas de lazer: o papel dos Municípios na sua implementação.** Curitiba: Juruá, 2007.

## **FUNDAMENTOS DA DIDÁTICA**

CH: 72

**Ementa:** Fundamentos da didática e as especificidades da licenciatura. Tendências pedagógicas, práticas escolares e suas questões didáticas. O pensamento pedagógico

brasileiro. A didática como elemento articulador da práxis pedagógica. Os sujeitos do processo educativo. A formação do educador.

### **Bibliografia Básica**

GADOTTI, MOACIR; . Historia das ideias pedagogicas. 8. Sao Paulo: Atica, 2006. 319p.

Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. São Paulo, SP: Cortez, 2002. 224p.

LIBANEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 2012. 261p.

Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média. São Paulo: Cengage Learning, 2015. 195 p.

### **Bibliografia Complementar**

ALVES, Nilda. Espaços e tempos de ensinar e aprender. In: ALVES - MAZZOTTI, Alda J. (et all). Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender. Rio de Janeiro: DP&A, 2000

CANDAUI, Vera Maria (Org.). A didática em questão. Petrópolis, Vozes, 2008.

COMÊNIO, João Amós. Didáctica magna. 3. ed. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

CHARLOT, Bernard. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 17, n. 30, p. 17-31, jul./dez. 2008

ECCHELI, Simone Deperon. A motivação como prevenção da indisciplina. Educ. rev. [online]. 2008, n.32, pp. 199-213. ISSN 0104-4060.

MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima. A crise de sentidos e significados na escola: a contribuição do olhar sociológico. Cad. CEDES [online]. 2011, vol.31, n.85, pp. 341-357. ISSN 0101-3262.

OLIVEIRA, Maria Rita N. S. Didática: ruptura, compromisso e pesquisa. São Paulo: Papirus, 1995.

## **FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DA MOTRICIDADE HUMANA**

**Ementa:** História e História da Motricidade Humana: conceituação e diferenciação. História da Motricidade Humana no Brasil e no mundo. O paradigma cartesiano e a escrita da história: a sombra dogmática do intelecto. A história como um cenário de corpos em movimento. O homem como ser motriz e histórico. Aspectos históricos do esporte e das competições esportivas.

### **Bibliografia Básica**

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil:** a história que não se conta. Campinas: Papirus, 1988.

MELO, Victor Andrade. **História da Educação Física e do Esporte no Brasil**

PACHECO NETO, Manuel. **Motricidade e Corporeidade no Brasil Colonial:** bandeirantes, índios e jesuítas. Dourados: Seriema, 2008.

### **Bibliografia Complementar**

GRIFI, Giampiero. História da Educação Física e do Esporte. Porto Alegre: Luzzatto, 1989.

JUNIOR, Paulo G. **Educação Física Progressista:** A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira. São Paulo : Loyola, 1988.

MOREIRA, Wagner Wey. **Educação Física Escolar**: uma abordagem fenomenológica. Campinas/SP, 1995.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física e Raízes Europeias**, 2ª ed, Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (Coleção educação contemporânea)

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.

## **GINÁSTICA GERAL**

**Ementa:** Aspectos históricos relativos à prática da ginástica. A ginástica no âmbito da Educação Física Escolar. Métodos e sistemas ginásticos. Conceituação, generalidades e classificação.

### **Bibliografia básica**

GAIO, Roberta. & BATISTA, J. C. F. **A ginástica em questão**. São Paulo: Tecmed: 2002.

NUNOMURA, M e TSUKAMOTO, MHC. (Organizadoras). **Fundamentos das Ginásticas**. Jundiaí: Fontoura, 2009.

AYOUB, E.. **Ginástica Geral e Educação Física Escolar**. Campinas, São Paulo: Ed. Unicamp, 2004.

### **Bibliografia complementar**

NUNOMURA, M, e NISTA-PICCOLO. **Compreendendo a Ginástica Artística**. São Paulo: Phorte Editora, 2005.

BARROS, D.; Nedialcova, G.T. **Os primeiros passos da ginástica rítmica**. Rio de Janeiro: Palestra, 1998.

BOTT, L. **Ginástica Rítmica e Desportiva**. São Paulo, Manole, 1986.

SANTOS, J.C.E.. **Ginástica Geral**. Jundiaí, São Paulo: Fontoura, 2001.

## **LIBRAS**

### **CH 72**

**Ementa:** Análise dos princípios e leis que enfatizam a inclusão de LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais nos cursos de formação docente; apresentação das novas investigações teóricas acerca do bilingüismo, identidades e culturas surdas; as especificidades da construção da linguagem, leitura e produção textual dos educandos surdos; os princípios básicos da língua de sinais, o processo de construção da leitura e escrita de sinais e produção literária em LIBRAS.

### **Bibliografia Básica:**

Anais. . Rio de Janeiro: INES, 2001. 126p. Surdez, inclusão matemática. Curitiba, PR: Ed. CRV, 2013. 280p.

LANE, Harlan. **A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992. 286p.

FALCAO, LUIZ ALBERICO BARBOS. **Aprendendo a libras e reconhecendo as diferenças: um olhar reflexivo sobre a inclusão : estabelecendo novos diálogos**. 2. Recife: Ed. do Autor, 2007. 304p.

GESSER, Audrei . **Libras?: que língua é essa? : crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009. 87p.

GOES, Maria Cecilia Rafael de. **Linguagem, surdez e educação** . 3.ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2002. 97p.

**Surdez e bilingüismo**. 6.ed. Porto Alegre: Mediação, 2012. 103p.

FALCÃO, Luiz Alberico Barbos. Surdez, cognição visual e libras: estabelecendo novos diálogos. 2. ed. Recife: L. A. Falcão, 2011. 384p.

SOUSA, Maria do Carmo Encarnação Costa de; BRUNO, Marilda Moraes Garcia. A organização do atendimento educacional especializado nas aldeias indígenas de Dourados/MS: um estudo sobre as salas de recursos multifuncionais para área da surdez. Dourados, MS, 2013. 112f.

STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. 3.ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2013. 146p.

SKLIAR, Carlos. A surdez: um olhar sobre as diferenças. 6.ed. Porto Alegre: Mediação, 2013. 190p. Enciclopédia da língua de sinais brasileira: o mundo do surdo em libras. São Paulo: Edusp, 2004. 323p. v.1.

### **Bibliografia Complementar:**

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 17 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 23 dez. 2005. p. 28. Disponível em: Acesso em: 07 dez. 2014.

\_\_\_\_\_. Decreto-Lei nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 3 dez. 2004. p. 5. Disponível em: Acesso em: 07 dez. 2014.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 20 dez. 2000. p. 2. Disponível em: Acesso em: 07 dez. 2014

\_\_\_\_\_. Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 25 abr. 2002. p. 23. Disponível em: Acesso em: 07 dez. 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008). Disponível em: Acesso em: 12 agos. 2011.

GESSER, A. O ouvinte e a Surdez: sobre ensinar e aprender a LIBRAS. Série Estratégias de Ensino 35. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

\_\_\_\_\_. Um olho no professor surdo e outro na caneta: Ouvintes aprendendo a Língua brasileira de sinais. Tese de Doutorado. Campinas, SP: UNICAMP, 2006. Disponível em: Acesso em: 08 nov. 2014.

QUADROS, R. M. de. Educação de Surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

\_\_\_\_\_; KARNOPP, L. B. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SKLIAR, C. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

THOMA, A.; LOPES, M. C. (Orgs.) A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. 1. ed. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2004.

WILCOX, Sherman; WILCOX, P. P. Aprender a ver: o ensino da Língua de sinais americana como segunda língua.

Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005. Disponível em: Acesso em: 13 nov. 2014.

### **MEDIDAS E AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Ementa:** Medidas e Avaliação na área da Educação Física: relevância, aplicabilidade e considerações introdutórias. Medidas e Avaliação na Educação Física Escolar. Anamnese. Teoria e prática da avaliação postural. Composição corporal, flexibilidade, força e resistência muscular. Medição da pressão arterial. Medidas e avaliação do comportamento motor. Fórmulas e planilhas em medidas e avaliação na Educação Física.

#### **Bibliografia Básica**

DAVIS, S. E.; DWYER, G. B. **Manual do ACCM para avaliação da aptidão física relacionada a saúde**. Rio de Janeiro: Guanabara

GUEDES, D. P.; GUEDES, J. E. R. **Controle do peso corporal : composicao corporal, atividade fisica e nutricao**. 2. ed.. Rio de Janeiro : Shape, 2003. 327p.

PITANGA, F. J. G. **Testes, medidas e avalicao em educacao fisica e esportes**. 5. ed.. Salvador : Phorte, 2008. 223p.

#### **Bibliografia Complementar**

MORROW JR, J. R.; Jackson, A. W.; Disch, J. G.; Mood, D. P. **Medida e Avaliação do Desempenho Humano-4**. Artmed Editora, 2014.

RASCH, Philip J. **Cinesiologia e anatomia aplicada**. 7. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 1991. 204p.

WILMORE, Jack H; COSTILL, David L; KENNEY, W. Larry. **Fisiologia do esporte e do exercício**. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2010. 594p.

Morrow Jr, J. R., Jackson, A. W., Disch, J. G., & Mood, D. P. (2014). *Medida e Avaliação do Desempenho Humano-4*. Artmed Editora.

### **ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS ESPORTIVOS**

**Ementa:** A complexidade e a dinâmica concernentes à organização de eventos esportivos. As etapas imprescindíveis à realização satisfatória de eventos esportivos: a organização e o planejamento prévios, o congresso técnico e científico, o evento propriamente dito e o encerramento. Elaboração de regulamentos, tabelas e sistemas de disputa.

#### **Bibliografia Básica**

ZANELLA, LUIZ CARLOS. **Manual de organização de eventos: planejamento e operacionalização**. 3. Sao Paulo: Atlas, 2006. 359p.

POIT, Davi Rodrigues. **Organização de eventos esportivos**. Londrina: Ed. Midiograf, 2000.

REZENDE, José Ricardo. **Organização e Administração no Esporte**. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

#### **Bibliografia Complementar**

SOUZA, José Campinussu de. **Organização de Competições**. Rio de Janeiro: Sprint, 1979.

BRASIL. **Ministério da Educação e Cultura**. Secretaria de Educação Física e Desportos. Legislação desportiva. Brasília: MEC, [19--]. 161p.

KINCHESECKI, Jose Carlos. **Cerimonial, hierarquia, protocolo**. Florianópolis: UDESC, 2002. 246p.

RODRIGUES, Mario Amaral. **Organização nos desportos**. Campo Grande, MS : Ed. UCDB, 2002. 106p.

## **PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DA APRENDIZAGEM**

CH: 72h

**Ementa:** Caracterização geral do desenvolvimento humano: o ciclo vital. Conceitos, princípios e processos psicológicos relevantes às práticas pedagógicas em situação escolar e seus diferentes enfoques teóricos sobre o desenvolvimento humano. Gênese, desenvolvimento e interface dos processos de natureza cognitiva, lingüística e afetiva. Teorias da aprendizagem. Articulações entre desenvolvimento e aprendizagem e suas implicações para a ação pedagógica.

### **Bibliografia Básica:**

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. *Psicologia da aprendizagem*. 27. ed. Petropolis: Vozes, 1998. 304p.

PAPALIA, Diane E; OLDS, Sally Wendkos ; FELDMAN, Ruth Duskin . *Desenvolvimento humano*. 10.ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2009. 889

*Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação escolar*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. v.2.

### **Bibliografia Complementar:**

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. : *uma introdução ao Psicologia estudo de psicologia*. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

KAHHALE, Edna M. Peters (org.). : *uma construção teórica*. São Paulo: Cortez, 2002. *A diversidade da psicologia*

NUNES, Ana Ignez Belém Lima; SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. *Psicologia da aprendizagem: processos, teorias e contextos*. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2011.

OLIVEIRA, Marta Kohl de: *aprendizado e desenvolvimento - um processo sócio-histórico*. Sao Paulo: Vygotsky Scipione, 1993. 111p.

PALANGANA, Isilda Campagner. *Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky*. 5. Sao Paulo: Summus, [2001]. 168p.

## **TEORIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Ementa:** Introdução à teoria produzida na área da Educação Física. As principais convergências e divergências entre as postulações defendidas no âmbito do debate acadêmico e da produção bibliográfica em Educação física. Criticidade e acriticidade no antagonismo dialético explicitado na produção acadêmica em Educação Física.

### **Bibliografia Básica**

MEDINA, João Paulo S. **A Educação Física cuida do corpo e...”mente”**. Campinas: Papirus, 1987.

MOREIRA, Wagner W. **Educação Física e Esportes: perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papirus, 1995.

PACHECO NETO, Manuel (Org.). **Educação Física e Motricidade**: discutindo saberes e intervenções. Dourados: Seriema, 2008.

### **Bibliografia Complementar**

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- COVRE, MARIA DE LOURDES MANZINI. **O que é cidadania**. 2. São Paulo: Brasiliense, 1993. 78p.
- CARVALHO, Yara M. LINHALES, Meily Assbú. (orgs.). **Política Científica e Produção do Conhecimento em Educação Física**. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: Goiânia, 2007.
- MARCO, Ademir (org.). **Educação Física: Cultura e Sociedade**. 2 ed. Papirus: Campinas, 2008.
- MEDINA, João Paulo S. **O Brasileiro e seu corpo**. Campinas: Papirus, 1988.
- TUBINO, Manoel. **As Teorias da Educação Física e do Esporte**: uma abordagem epistemológica. Editora Manole: São Paulo, 2002.

## **TEORIA E PRÁTICA DOS ESPORTES AQUÁTICOS**

**Ementa:** Aspectos históricos da natação. Possibilidades educativas da natação. A natação como fator corroborador da autoconfiança, da disciplina e da saúde. Fundamentos e habilidades individuais relativos à natação. Gestos técnicos da natação no desenvolvimento das funções motoras. Metodologias de ensino e treinamento. Preparação de equipes, aspectos técnicos e físicos da natação.

### **Bibliografia Básica**

- GOMES, Wagner Domingos F. **Natação, erros e correções**. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.
- LIMA, William Urizi de. **Ensinando Natação**. Rio de Janeiro: Phorte Editora, 2007.
- MASSAUD, Marcelo G.; CORRÊA, Célia R. F. **Natação na idade escolar**. Rio de Janeiro: Sprint, 2004.

### **Bibliografia Complementar**

- ALVARENGA, José Gustavo Souza de. **Natação: Técnicas e Educativos**. Brasília: J.G.S. de Alvarenga, 1997.
- DAMASCENO, Leonardo Graffius. **Natação para Bebês- dos Conceitos Fundamentais à Prática Sistematizada**. Rio de Janeiro: Sprint LTDA, 1994.
- VELASCO, Cacilda Gonçalves. **Natação Segundo a Psicomotricidade**. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.
- MASSAUD, MARCELO GARCIA. **Natação 4 nados**: aprendizado e aprimoramento. 3. São Paulo: Sprint, 2008. 220p.
- DURAN, Maurício. **Aprendendo a Nadar em Ludicidade**. São Paulo: Phorte Editora, 2005.

## **TEORIA E PRÁTICA DOS ESPORTES INDIVIDUAIS**

**Ementa:** Aspectos históricos relativos ao atletismo. O atletismo no contexto escolar. O atletismo como elemento educativo e corroborador da autoconfiança. Habilidades individuais, fundamentos, gestos técnicos e métodos de treinamento em atletismo.

### **Bibliografia Básica**



COICEIRO, Geovana Alves. **Mil Exercícios e Jogos para o Atletismo**. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

FERNANDES, José Luís. **Atletismo: corridas**. 3. ed., rev. e ampl. São Paulo: EPU, 2003. 156 p.

MATHIESSEN, Sara Quenzer. **Atletismo se aprende na escola**. Jundiaí: Fontoura, 2005.

#### **Bibliografia complementar**

FERNANDES, José Luís. **Atletismo: lançamentos (e arremesso)**. 2. ed., rev. e ampl. São Paulo: EPU, 2003. 129 p.

FERNANDES, José Luís. **Atletismo: os saltos**. 2. ed., rev. e ampl. São Paulo: EPU, 2003. 125 p.

OLIVEIRA, M. C. M. de. **Atletismo Escolar: uma proposta de ensino na Educação Infantil**. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

### **TEORIA E PRÁTICA DOS ESPORTES COLETIVOS I**

**Ementa:** Aspectos Históricos do Futebol e do Futebol de Salão, bem como de seus subsidiários Futebol de Areia e Futebol Suíço. Regras, fundamentos, aprimoramento de gestos técnicos e habilidades individuais. O Futebol, o Futebol de Salão e seus subsidiários como instrumentos educativos de notável formação altruística. Métodos de treinamento, preparação de equipes escolares. Aspectos físicos, técnicos e táticos no trabalho com o Futebol, o Futebol de Salão e suas práticas subsidiárias.

#### **Bibliografia Básica**

FREIRE, J. B. **Ensinar esporte, ensinando a viver**. Porto Alegre : Mediacao, 2012. 208p.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C. **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. Sao Paulo: Phorte, 2013. 462p.

VOSE, R. C. **Futsal: principios tecnicos e taticos**. 2. ed. Canoas, RS: Ed. ULBRA, 2003. 171p

#### **Bibliografia Complementar**

ARAUJO, SEBASTIAO. **O futebol e seus fundamentos: o futebol-forca a serviço da arte**. Rio de Janeiro: Imago - FENAME, 1976. 103p

MELO, VICTOR ANDRADE DE; ALVITO, MARCOS. **Futebol por todo o mundo: diálogos com o cinema**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. 147p

SADI, R. S. **Pedagogia do esporte: descobrindo novos caminhos**. Sao Paulo: Icone, 2010. 215 p.

VIANA, Adalberto Rigueira; RIGUEIRA, José Elias. **Futebol pratico: preparação física: técnica e tática**. Viçosa, MG: Editora UFV, 1981. 465p.

### **TEORIA E PRÁTICA DOS ESPORTES COLETIVOS II**

**Ementa:** Aspectos históricos relativos ao Voleibol. O Voleibol e seu subsidiário, o Voleibol de Areia, no contexto escolar. Fundamentos, habilidades individuais, gestos técnicos, métodos de treinamento, preparação de equipes e concepções táticas. O Voleibol e o Voleibol de Areia como instrumentos educativos corroboradores do altruísmo e do respeito ao próximo.

**Bibliografia Básica**

- Regras Oficiais de Voleibol.** Confederação Brasileira de Voleibol, 2006.
- LEMOS, A de S. **Voleibol Escolar.** Rio de Janeiro: Sprint, 2004.
- PESSOA, André Eduardo; BERTOLLO, Mauro; CARLAN, Paulo. **Voleibol.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2009. 142 p.

**Bibliografia Complementar**

- SANTINI, Joarez; LIMA, Luiz Delmar da Costa. **Voleibol escolar: da iniciação ao treinamento.** Canoas, RS: Ed. da ULBRA, 2007.
- SUVOROV, P.Y; GRISHIN, O N., **Voleibol Iniciação.** vol. I, 4 ed. Sprint, 2002.
- CARVALHO, O. M. **Voleibol, 1000 Exercícios.** 6 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.
- COSTA, Adilson Donizete da. **Voleibol: fundamentos e aprimoramento técnico** 2. ed.2003.
- HEINRICH, Meusel. **Educação Física – Jogos e Brincadeira de Corrida, Luta e Bola.** Rio de Janeiro. Grupo Coquetel, 1993

**TEORIA E PRÁTICA DOS ESPORTES COLETIVOS III**

**Ementa:** Aspectos históricos relativos ao Basquetebol. O Basquetebol no contexto escolar. Fundamentos, habilidades individuais, gestos técnicos, métodos de treinamento, preparação de equipes escolares e concepções táticas, O Basquetebol como instrumento educativo corroborador do altruísmo e do respeito ao próximo.

**Bibliografia Básica**

- COUTINHO, N.F. **Basquetebol na escola: da iniciação ao treinamento.** Rio de Janeiro: Sprint, 2001.
- FREIRE, J. B. **Ensinar esporte, ensinando a viver.** Porto Alegre: Mediacao, 2012. 208p.
- SADI, R. S. **Pedagogia do esporte: descobrindo novos caminhos.** Sao Paulo: Icone, 2010. 215 p.

**Bibliografia complementar**

- ALMEIDA, M. B. **Basquetebol – 1000 Exercícios.** Rio de Janeiro: Sprint, 1999.
- ALMEIDA, M.B. **Basquetebol: iniciação.** Rio de Janeiro: Sprint, 2000.
- ASSIN, G. **Mini-basket.** 2. Barcelona: Sintes, 1982. 124p.
- CARVALHO, Walter. **Basquetebol – Sistema de Ataque e Defesa.** Rio de Janeiro: Sprint, 2001.
- DE OLIVEIRA, V.; PAES, R.R. **Ciência do basquetebol. Pedagogia e metodologia da iniciação à especialização.** Londrina: Midiograf, 2004.
- DE ROSE, Jr.D.; TRICOLI V. **Basquetebol: conceitos e abordagens gerias. In: DE ROSE, Jr.D.; TRICOLI V (Org.). Basquetebol. Uma visão integrada entre ciência e prática.** Barueri, SP: Manole, 2005. p. 1-14.
- REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C. **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados.** Sao Paulo: Phorte, 2013. 462p.

**TEORIA E PRÁTICA DOS ESPORTES COLETIVOS IV**

**Ementa:** Aspectos históricos relativos ao Handebol. O Handebol no contexto escolar. Fundamentos, habilidades individuais, gestos técnicos, métodos de treinamento, preparação de equipes e concepções táticas. O Handebol como instrumento educativo corroborador do altruísmo e do respeito ao próximo.

**Bibliografia Básica**

EHRET, Arno et. al. **Manual de handebol: treinamento de base para crianças e adolescentes.** São Paulo: Phorte, 2002.

GRECO, P. J.; ROMERO, J.J. F. **Manual de Handebol: da iniciação ao alto nível.** São Paulo: Phorte, 2012

KASLER, Horst. **Handebol: do aprendizado ao jogo disputado.** Rio de Janeiro: Livro técnico, 1978.

**Bibliografia Complementar**

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. **Metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube.** Belo Horizonte: Editora UFMG, Escola de Educação Física, 1998.

KASLER, H. **Handebol: do aprendizado ao jogo disputado.** Rio de Janeiro: Livro técnico, 1978.

MARTINI, K. **O Andebol: técnica – tática – metodologia.** Portugal: Publicações Europa América, 1980.

MELHEM, Alfredo. **Brincando e aprendendo handebol.** Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

SANTOS, Rogério dos. **Handebol: 1000 exercícios.** Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

**TEORIA DO TREINAMENTO FÍSICO**

**Ementa:** Definição de treinamento. Introdução ao estudo do treinamento. Os princípios do treinamento e sua aplicabilidade na da Educação Física Escolar. Treinamento Escolar e Educação Física escolar: instâncias distintas de inclusão no contexto educativo. Projetos, planejamentos e metodologias em treinamento escolar.

**Bibliografia Básica**

BARBANTI, Valdir J. **Treinamento esportivo: as capacidades motoras dos esportistas.** Barueri: Manole, 2010. 245 p.

BOHME, M. T. S. **Esporte infantojuvenil: treinamento a longo prazo e talento esportivo.** Sao Paulo: Phorte, 2011. 487p

MARTIN, D.; CARL, K.; LEHNERTZ, K. **Manual de teoria do treinamento esportivo.** Sao Paulo, SP: Phorte, 2008. 452p

**Bibliografia Complementar**

BARBANTI, Valdir. **Teoria e prática do treinamento esportivo.** São Paulo: Edgar Blucher, 2000.

BOMPA, T. **Periodização no Treinamento Esportivo.** São Paulo: Manole, 2001.

Dantas, E. H. M. **A prática da preparação física.** 5. ed. Rio de Janeiro: Shape, 2003.

Weineck. J. **Treinamento ideal: instruções técnicas sobre o desempenho fisiológico, incluindo considerações específicas de treinamento infantil e juvenil.** São Paulo: Manole, 1999.

**8.4 NÚCLEO DE FORMAÇÃO AMPLIADA****MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA**

TCH: 72

Ementa: O conhecimento científico. A produção do conhecimento científico. Tipos de pesquisa. A construção do Projeto de Pesquisa Científica. Aplicação do projeto de pesquisa. Normas para elaboração e apresentação do relatório de pesquisa. O relatório de pesquisa em face dos resultados obtidos.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: Apresentação de citações e documentos. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 14724:** Trabalhos acadêmicos – apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 6023:** Referências – Elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 6028:** Resumos. Rio de Janeiro, 1990.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico:** elaboração de trabalhos na graduação. 4 ed. São Paulo: Atlas.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 22 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

### **Bibliografia Complementar**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: Apresentação de citações e documentos. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: Trabalhos acadêmicos – apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6022: Artigos em publicação periódica impressa. Rio de Janeiro, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: Referências – Elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6024: Numeração progressiva das seções de um documento escrito. Rio de Janeiro, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6027: Sumário. Rio de Janeiro, 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6028: Resumos. Rio de Janeiro, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 15287: Projeto de pesquisa. Rio de Janeiro, 2011.

BARUFFI, Helder. Metodologia da pesquisa: manual para a elaboração da monografia. 2 ed. Dourados: HBedit, 2001.

GRESSLER, Lori A. Introdução à pesquisa: projetos e relatórios. 2 ed. rev. São Paulo: Loyola, 2004. p. 21 – 44 e - 211-212.

RUIZ, J. A. Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos. São Paulo: Atlas, 1980. p. 19 – 47.

## **TRABALHO DE GRADUAÇÃO I**

TCH: 54

Ementa: A pesquisa na educação. A educação pela pesquisa. Os PCNs e a pesquisa na Educação Física Escolar. O profissional de Educação Física e a pesquisa. A pesquisa como base da práxis na docência em Educação Física. Investigação científica e senso comum: expressões opostas de âmbitos distintos. Pesquisas bibliográfica, virtual e de campo na área da Educação Física.

JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

SILVA, S. A. P. **A pesquisa qualitativa em Educação Física.** Revista Paulista de Educação Física, v.10, 1986.

THOMAS, R. & Nelson, J. K. **Métodos de pesquisa em Educação Física.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

#### **Bibliografia Complementar**

Fazenda, Ivani, org.; Fenelon, Dea et al. Metodologia da pesquisa educacional. Sao Paulo: CORTEZ, 1989. 143p. (Biblioteca da educação. Serie 1. Escola; v. 11)

PRECOMA, Eliane Alves; SALOMAO, Alexandre Franca; PERIM, Paulo Castelar. Didática e metodologia de pesquisa em educação. Curitiba: UFPr,2000. 162p. .

DEMO, Pedro. Metodologia científica em ciências sociais. 3 ed. rev. ampl. ed. Sao Paulo: Atlas, 2009. 293p.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. Planejamento de Pesquisa: uma introdução. São Paulo: EDUC, 2000,108 p.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001, 121p.

GIL, ANTONIO CARLOS. Métodos e técnicas de pesquisa social. Sao Paulo: Atlas, 1987.

MARCONI, MARINA DE ANDRADE; LAKATOS, EVA MARIA. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed.. São Paulo: Atlas, 2010.

SANTOS, IZEQUIAS ESTEVAM DOS. Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica. 8. ed.. Niterói: Impetus, 2011.

LÜDKE, MENGA; ANDRÉ, E. D. A. MARLI. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986.

YIN, K. ROBERT. Estudo de Caso – Planejamento e Métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001

CRESWELL, W. JOHN. Projeto de Pesquisa – Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto. Porto Alegre: Artmed, 2010.

## **TRABALHO DE GRADUAÇÃO II**

**Ementa:** A relevância do trabalho de graduação na formação acadêmica do docente em Educação Física. Formatação e normas técnicas para elaboração do trabalho de graduação. Procedimentos para apresentação e entrega do trabalho final.

JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

SILVA, S. A. P. **A pesquisa qualitativa em Educação Física.** Revista Paulista de Educação Física, v.10, 1986.

THOMAS, R. & Nelson, J. K. **Métodos de pesquisa em Educação Física.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

#### **Bibliografia Complementar**

Fazenda, Ivani, org.; Fenelon, Dea et al. Metodologia da pesquisa educacional. Sao Paulo: CORTEZ, 1989. 143p. (Biblioteca da educação. Serie 1. Escola; v. 11)

PRECOMA, Eliane Alves; SALOMAO, Alexandre Franca; PERIM, Paulo Castelar. Didática e metodologia de pesquisa em educação. Curitiba: UFPr,2000. 162p. .

DEMO, Pedro. Metodologia científica em ciências sociais. 3 ed. rev. ampl. ed. Sao Paulo: Atlas, 2009. 293p.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. Planejamento de Pesquisa: uma introdução. São Paulo: EDUC, 2000,108 p.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001, 121p.

GIL, ANTONIO CARLOS. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1987.

MARCONI, MARINA DE ANDRADE; LAKATOS, EVA MARIA. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed.. São Paulo: Atlas, 2010.

SANTOS, IZEQUIAS ESTEVAM DOS. Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica. 8. ed.. Niterói: Impetus, 2011.

LÜDKE, MENGA; ANDRÉ, E. D. A. MARLI. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986.

YIN, K. ROBERT. Estudo de Caso – Planejamento e Métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001

CRESWELL, W. JOHN. Projeto de Pesquisa – Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto. Porto Alegre: Artmed, 2010.

## 8.5 ATIVIDADES ARTICULADAS AO ENSINO DE GRADUAÇÃO

### ATIVIDADES TEÓRICO-PRÁTICAS DE APROFUNDAMENTO

TCH: 240

Ementa: Explicações teóricas acerca dos projetos de extensão mantidos pela Universidade na área das atividades corporais Participações nos projetos de extensão: Férias na Escola, Nadar é tão bom e Judô para melhorar o desenvolvimento e a aprendizagem da arte marcial. Participações em eventos acadêmicos.

COSTA, Lamartine Pereira da. **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005

LIMA, Dartel Ferrari de. **Dicionário de Esportes**. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

TUBINO, Manoel J. G. & Silva, Kenia Maynard da. **Esporte e cultura da paz**. Rio de Janeiro: Shape, 2006.

#### **Bibliografia Complementar**

LIMA, Dartel Ferrari de. Dicionário de Esportes. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

TUBINO, Manoel J. G. & Silva, Kenia Maynard da. Esporte e cultura da paz. Rio de Janeiro: Shape, 2006

Regulamento das Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento do Curso de Educação Física

## ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ementa: Conceituação de Estágio Supervisionado. A Prática de Ensino: instrumento germinal da experiência profissional. Aspectos específicos do Estágio Supervisionado e da Prática de Ensino de Educação Física na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Designação formal das instituições escolares para o desenvolvimento das atividades por parte dos acadêmicos. Orientações gerais e específicas acerca da elaboração do 'Projeto de Regência' a ser desenvolvido nas escolas designadas. Orientações gerais e específicas para a feitura dos 'Relatórios Parciais e Final' da disciplina. Debate coletivo acerca das experiências vivenciadas no âmbito das atividades presenciadas e partilhadas nas escolas designadas.

#### **Bibliografia básica:**

FREIRE, João Batista, SCAGLIA, Alcides. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

DARIDO, S. C.; NETO. L.C. O contexto da educação física na escola. In: DARIDO, S.C. et al. **Educação Física na Escola: implicações para prática pedagógica**. RJ: Guanabara Koogan, 2005. p.1-24.

**GRESPLAN, Márcia Regina. A Educação física no ensino fundamental: primeiro ciclo**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

#### **Bibliografia Complementar**

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física: São Paulo Cortez, 1992.

BRACHT, Valter. A Constituição das teorias pedagógicas da educação Física. **Cadernos Cedes**, ano XIX, Nº48, Agosto, 1999.

DARIDO, Suraya C. e outros. Educação Física e Temas Transversais na Escola. Editora Papirus, 2005

### **ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Ementa: O Estágio Supervisionado e a Prática de Ensino como elementos fundamentais na formação acadêmico-profissional. Aspectos específicos do Estágio Supervisionado e da Prática de Ensino de Educação Física nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Designação formal das instituições escolares para o desenvolvimento das atividades por parte dos acadêmicos. Orientações gerais e específicas acerca da elaboração do projeto a ser desenvolvido nas escolas designadas. Orientações gerais e específicas para a feitura dos relatórios parciais e final da disciplina. Debate coletivo acerca das experiências vivenciadas no âmbito das atividades presenciadas e partilhadas nas escolas designadas.

#### **Bibliografia Básica:**

**GRESPLAN, Márcia Regina. A Educação física no ensino fundamental: primeiro ciclo**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

FREIRE, João Batista, SCAGLIA, Alcides. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

DARIDO, S.C. et al. **Educação Física na Escola: implicações para prática pedagógica**. RJ: Guanabara Koogan, 2005.

#### **Bibliografia Complementar:**

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: UNIJUÍ, 2003.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C. **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. São Paulo: Phorte, 2013.

DARIDO, Suraya C. e outros. Educação Física e Temas Transversais na Escola. Editora Papyrus, 2005

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Repertório de Atividades de Recreação e Lazer**, Papyrus, 2005.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. Campinas: Papyrus, 1987.

### **ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO**

TCH: 144

**Ementa:** Aspectos específicos do Estágio Supervisionado e da Prática de Ensino de Educação Física no Ensino Médio. Designação formal das instituições escolares para o desenvolvimento das atividades por parte dos acadêmicos. Orientações gerais e específicas acerca da elaboração do projeto a ser desenvolvido nas escolas designadas. Orientações gerais e específicas para a feitura dos relatórios parciais e final da disciplina. Debate coletivo acerca das experiências vivenciadas no âmbito das atividades presenciadas e partilhadas nas escolas designadas. Entrega do relatório Final da disciplina.

#### **Bibliografia Básica:**

FREIRE, João Batista, SCAGLIA, Alcides. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

DARIDO, S.C. et al. **Educação Física na Escola:** implicações para prática pedagógica. RJ: Guanabara Koogan, 2005.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. Campinas: Papyrus, 1987.

#### **Bibliografia Complementar:**

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: UNIJUÍ, 2003.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C. **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. São Paulo: Phorte, 2013.

DARIDO, Suraya C. e outros. Educação Física e Temas Transversais na Escola. Editora Papyrus, 2005

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Repertório de Atividades de Recreação e Lazer**, Papyrus, 2005.

CHEMIN, Beatris Francisca. Políticas públicas de lazer: o papel dos Municípios na sua implementação. Curitiba: Juruá, 2007.

## **8.6 DISCIPLINAS ELETIVAS DO CURSO**

### **APRENDIZAGEM E CONTROLE MOTOR**

TCH 108

**Ementa:** Introdução ao desenvolvimento motor. Características da maturação e do crescimento físico. Fases e estágios do desenvolvimento motor e desvios. Classificação de habilidades motoras. Os processos subjacentes da coordenação e controle motor no nível celular e sistêmico. Aprendizagem motora; organização da prática, conhecimento de resultados, retenção e transferência; aplicação dos conceitos de aprendizagem e controle motor na escola, treinamento esportivo e intervenção motora. Medidas e avaliação no comportamento motor.

#### **Bibliografia Básica**



- GALLAHUE, David L; DONELLY, Frances Cleland . **Educação física desenvolvimentista para todas as crianças**. 4.ed. Sao Paulo: Phorte, 2008. 723p.
- HAYHOOD, K. M; GETCHELL, N. **Desenvolvimento motor ao longo da vida**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 407p.
- LENT, R. **Neurociência da mente e do comportamento**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2008. 356p.
- MAGILL, R. A. **Aprendizagem motora: conceitos e aplicações**. Sao Paulo, SP: Blucher, 1986. 273p.

### **Bibliografia Complementar**

- BEAR, M. F.; PARADISO, M. A.; CONNORS, B. W. **Neurociências: desvendando o sistema nervoso**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006. 853p.
- GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor-: Bebês, Crianças, Adolescentes e Adultos**. AMGH Editora, 2013.
- SCHMIDT R. A.; LEE T. **Aprendizagem e Performance Motora: dos princípios a aplicação**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2016. 428p
- GUEDES M. H. S. Continuando a brincadeira: jogos de aprendizagem, estafetas, atividades psicomotoras e sessão historiada. Editora Phorte, 2013.
- RODRIGUEZ C. G. Educação Física Infantil: motricidade de 1 a 6 anos. Editora Phorte, 2004.

### **ARTES MARCIAIS**

TCH: 72

Ementa: Histórico das Artes marciais. Conhecimentos filosóficos das Artes Marciais. As Artes Marciais como instrumentos educativos corroboradores da disciplina, da autoconfiança e da sociabilidade. Metodologias e planos de treinamento.

#### Bibliografia Básica

- LEDWAB, C.; STANDEFER, Roxane. **Caminho de paz: um guia das tradições das artes marciais para jovens**. São Paulo Editora Cultrix, 2004.
- TEGNER, Bruce. **Guia Completo de Jiu-Jitsu**. São Paulo: Record, 2003.

#### Bibliografia Complementar:

- TEGNER, Bruce. Guia Completo de Karatê. São Paulo: Record, 1998.

#### **Bibliografia Complementar**

- LEDWAB, C.; STANDEFER, Roxane. **Caminho da paz: um guia das tradições das artes marciais para jovens**. São Paulo. Ed. Cultrix, 2004.
- TEGNER, Bruce. **Guia completo de Jiu-Jitsu**. São Paulo: Record, 2003.
- MOREIRA, W.W.; SIMÕES, Regina; MARTINS, Ida C. **Aulas de Educação Física no Ensino Médio**. Campinas, SP: Papirus, 2010.
- GOULART, Fábio. **TAEKWONDO: em busca do sucesso**. SP.AFG. 2009 REVISTA DE Nº 135 NOVEMBRO DE 2006
- FERREIRA, Heraldo Simões. As lutas na educação física escolar. Universidade Estadual do Ceará (UECE) - Fortaleza - CE - Brasil. **REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA** - Nº 135 - NOVEMBRO DE 2006 - PÁG.36-44
- NASCIMENTO, Paulo R. B. do; ALMEIDA, Luciano de. A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 91-110, setembro/dezembro de 2007.
- OLIVIER, J.-C. *Das brigas aos jogos com regras: enfrentando a indisciplina na escola*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

FERREIRA, Heraldo Simões. A utilização das lutas como conteúdo das aulas de Educação Física. **Revista Digital**. Buenos Aires - Año 13 - Nº 130 - Marzo de 2009 disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd130/lutas-como-conteudo-das-aulas-de-educacao-fisica.htm>> acessado em 28/07/2011.

SILVA, Alda M. R. da; SILVA, José Pinto da. Lutas na escola: meio de propagação de cultura e conhecimento na formação social de estudantes. Disponível em <<http://www.webartigos.com/articles/35702/1/Lutas-na-Escola-Meio-de-propagacao-de-cultura-e-conhecimento-na-formacao-social-de-estudantes/pagina1.html>> Acessado em 28/07/2011.

CAZETTO, Fabiano Filier. Lutas e Artes marciais na Educação Física escolar: a produção científica no CONPEFE 2009. **Efdesportes**. Revista Digital - Buenos Aires - Año 14 - Nº 138 - Novembro de 2009 Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd138/lutas-e-artes-marciais-na-educacao-fisica-escolar.htm>> Acessado em 28/07/2011

## **BASES BIOLÓGICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

TCH: 54

Ementa: As relações entre a Biologia, a Motricidade e a Performance do ser humano. Citologia e Histologia. Níveis de estrutura biológica. Teoria Celular. Organização estrutural e funcional das células. Ciclo Celular.

JUNQUEIRA, Carneiro. **Biologia Celular e Molecular**. São Paulo: Guanabara, 1993.

JUNQUEIRA, Carneiro. **Histologia Básica**. São Paulo: Guanabara, 1995.

WEINECK, J. **Biologia do Esporte**. São Paulo: Manole, 1991.

### **Bibliografia Complementar**

Cormack David H. Fundamentos de Histologia 2ª ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan 2001.

Di Fiore Atlas de Histologia, 7ª ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan 1997.

ALBERTS, B. Biologia molecular da célula. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROBERTIS JR, E.M.F. Bases da Biologia Celular e Molecular. 3.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

TRABULSI, L.R. Microbiologia. 4.ed. São Paulo: Atheneu, 2005.

## **CORPO, CORPOREIDADE E CULTURAS**

TCH: 72

Ementa: Designação dos vocábulos Corpo, Corporeidade e Culturas. Corpo e Corporeidade no Mundo Ocidental: A dicotomia corpo/mente através do tempo. Corpo e Corporeidade em culturas distintas.

DANTAS, Estélio H. M. Pensando o corpo e o movimento. Rio de Janeiro: Editora Shape, 2007.

FERREIRA, Nilda Tevês; COSTA, L. M. **Esporte, Jogo e Imaginário Social**. Rio de Janeiro: Editora Shape, 2003.

GARCIA, Rui Proença. Antropologia do Esporte. Rio de Janeiro: Editora Shape, 2007.

### **Bibliografia Complementar**

BARBANTI, Valdir J. **Dicionário de Educação física e do Esporte**. São Paulo: Editora Manole, 2003, 2ª Edição.

GASTALDO, Édison Luis. A Forja do Homem de Ferro: a corporalidade nos esportes de combate. **In: Significados do Corpo**. (Org.) Ondina Fachel Leal. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade, 2001, p.203 – 221.

GOETTERT, Jones Dari. Espaço Civilizador: considerações sobre o corpo e a casa partir do processo civilizador. **In: Tempo e Espaços Civilizadores – diálogos com Norbert Elias**, Editora UFGD, 2009, p. 141 a 154.

RIBEIRO, Maria Cristina Duarte. A Corporalidade nos Contos de Fada. **In: Significados do Corpo**. (Org.) Ondina Fachel Leal. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade, 2001, p.203 – 221.

BOFF, Adriane de Mello. O Afeto na Voz e no Corpo. **In: Significados do Corpo**. (Org.) Ondina Fachel Leal. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade, 2001, p.229 – 259.

JARDIM, Denise Fagundes. Performances, Reprodução e Produção de Corpos Masculinos. **In: Significados do Corpo**. (Org.) Ondina Fachel Leal. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade, 2001, p.189 – 201.

VINHA, Marina. Jogo de Tabuleiro como Prática Educativa Intercultural. **In: Jogos e Culturas Indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola**. Org. Beleni S. Grandó, Cuiabá: EDufmt, 2010, p. 23 a 33).

CASCUDO, Luís da Câmara. **História dos Nossos Gestos**. São Paulo: Global, 2003, p. 182 a 190.

BRUHNS, Heloísa Turini. As Conexões do Jogo entre Realizações Humanas. **In: Corpo Parceiro e Corpo Adversário**. São Paulo: Editora Papirus, 1993, p. 53-66.

## **EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA**

TCH: 108

Ementa: Estudo da educação a distância: fundamentos, sistemas, legislação e redes de EaD. Projeto pedagógico: elaboração, implementação e acompanhamento de projetos EaD. Didática e EaD: o trabalho docente e a mediação educacional. EaD e Tecnologias da informação e da Comunicação.

### **Bibliografia Básica:**

BELLONI, M. L. **Educação a distância**. São Paulo: Autores Associados, 2001.

GUTIERREZ, F., PRIETO, D. **A Mediação Pedagógica - Educação à Distância Alternativa**. Campinas- SP: Papirus, 1994.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas – SP: Papirus, 2003.

SILVA, Marcos (org.). **Educação on-line: teorias, práticas, legislação, formação corporativa**. São Paulo: Loyola, 2003.

### **Bibliografia Complementar:**

ARANHA, M. L. A. **Filosofia da educação**. São Paulo: Moderna, 2006.

LITTO, F. FORMIGA, M. **Educação a Distância: O Estado da Arte**. São Paulo, 2010.

MAIA, C. e MATTAR, J. **ABC da EaD**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

MATTAR, J. **Games em educação: como os nativos digitais aprendem**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

MOORE, Michael G; KEARSLEY, Greg. **Educação à distância: uma visão integrada**. São Paulo, SP: Thomson Learning Pioneira, 2007.

## **EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO**

TCH: 108

Ementa: tecnologia: conceitos. Informática e Sociedade. Meios tecnológicos aplicados em educação como instrumentos didáticos. Educação e telemática. Formação de professores para a sociedade do conhecimento.

#### **Bibliografia Básica:**

MATTELART, ARMAND. **A globalização da comunicação**. 2. Bauru, SP: Ed. UDUSC, 2002.

PAPERT, SEYMOUR. **A máquina das crianças**: repensando a escola na era da informática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SANDHOLTZ, Judith Haymore, RINGSTAFF, Cathy, DWYER, David C. **Ensinando com tecnologia: criando salas de aula centradas nos alunos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

VALENTE, José Armando; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini De; ALVES, Aglaé Cecília Toledo Porto. **Formação de educadores à distância e integração de mídias**. São Paulo: Avercamp, 2007.

#### **Bibliografia Complementar:**

DUPAS, GILBERTO. **Ética e poder na sociedade da informação**: de como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso. São Paulo: Unesp, 2001.

GRINSPUN, Mirian P.S. Zippin. **Educação tecnológica**: desafios e perspectivas. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

IANNI, Octavio. **Teorias da globalização**. 14. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2007.

MORAN, José Manoel, MASETTO, Marcos T. BEHRNS, Maria Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

VALENTE, José Armando, VALENTE, Ann Berger. **LOGO**: conceitos, aplicações e projetos. São Paulo: McGraw-Hill, 1988.

VALENTE, J.A.. (Org.) **Computadores e Conhecimento repensando a educação**. 2.ed. Campinas: Gráfica da UNICAMP, 1998.

## **ÉTICA PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

TCH: 72

Ementa: Definição de Ética. Diferenciação entre ética e moral. O conhecimento e o comportamento como parâmetros éticos no exercício profissional. Legislação básica da Educação Física. A Carta Brasileira de Educação Física. O Código de Ética Profissional do Conselho Federal de Educação Física.

CONFED/CREF, **Código de Ética do Profissional de Educação Física**. 6 ed. Rio de Janeiro, 2003.

LYONS, David. **As regras morais e a ética**. Campinas: Editora Papirus, 1990.

SÁ, Antônio Lopes de. **Ética Profissional**. São Paulo: Atlas, 1996.

#### **Bibliografia Complementar**

LIMA, Alex Oliveira Rodrigues de. **Ética global internacional**: legislação profissional no Terceiro Milênio. São Paulo: Iglu, 1999.

FARIAS, Sidney Ferreira Farias (et al). A ética no ambiente do profissional em Educação Física. In.: **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**. Florianópolis, 2006. p.115-120.

CONFED/CREF. **Código de Ética do Profissional de Educação Física**. 6 ed. Rio de Janeiro, 2003.

TOJAL, João Batista (org.); Da COSTA, Lamartine Pereira (ed.); BERESFORD, Heron (ed.). **Ética profissional na educação física**. Rio de Janeiro: SHAPE, 2005.

## **RECREAÇÃO E LAZER NA ESCOLA**

TCH: 108

Ementa: Definição dos vocábulos recreação e lazer. A recreação e o lazer no contexto escolar. A recreação e o lazer como instâncias indispensáveis à experiência humana. Educando através da recreação e do lazer. Organização, planejamento e desenvolvimento de atividades recreativas na Educação Física Escolar.

BRUNHS, Heloísa T. Reflexões sobre o conhecimento do lazer na perspectiva da dinâmica cultural. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**: Anais do VII Congresso Brasileiro de Ciências do esporte, Uberlândia, 1991.

HUINZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1980.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. Campinas: Papirus, 1987.

### **Bibliografia Complementar:**

LORO, Alexandre P. Formação de Professores e Representações sobre o Brincar. Ícone Editora. Coleção Conhecimento e Vida, 2010.

TAVARES, Regina Márcia M. Brinquedos & Brincadeiras - Patrimônio Cultural da Humanidade. Editora Pontes, 2004.

FERREIRA, Nilda Tevês; COSTA, L. M. **Esporte, Jogo e Imaginário Social**. Rio de Janeiro: Editora Shape, 2003.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Repertório de Atividades de Recreação e Lazer, Papirus, 2005.

SCHMIDT R. A.; LEE T. **Aprendizagem e Performance Motora: dos princípios a aplicação**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2016. 428p

GUEDES M. H. S. Continuando a brincadeira: jogos de aprendizagem, estafetas, atividades psicomotoras e sessão historiada. Editora Phorte, 2013.

RODRIGUEZ C. G. Educação Física Infantil: motricidade de 1 a 6 anos. Editora Phorte, 2004.

## **TEMAS EMERGENTES EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

TCH: 54

Ementa: Análise crítico-reflexiva e debate acerca dos temas contemporâneos e atuais na área da Educação Física e dos desportos.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais – 1ª a 4ª séries. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais – 5ª a 8ª séries. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais – Apresentação dos Temas Transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GOLIN, Carlo; PACHECO NETO, Manuel; MOREIRA, Wagner W. **Educação Física e Motricidade**: discutindo saberes e intervenções. Dourados: Seriema, 2008.

### **Bibliografia Complementar**

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COSTA, Maria da Piedade da. **Educação Especial: aspectos conceituais e emergentes**. 1 ed. São Carlos-SP: EdUFSCar, v. 1, 2009.

TEIXEIRA, Paulo Marcelo Marini. **Temas emergentes em educação**. Ed. Uesb. 2003

## **TÓPICOS ESPECIAIS EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E SAÚDE**

TCH: 72

Ementa: Estudo de aspectos educativos determinantes da saúde pública e individual em seus vários aspectos (mental, social e orgânico) priorizando aqueles relacionados às patologias mais comuns na contemporaneidade – obesidade, anorexia, depressão, hipertensão, diabetes, dentre outras. Abordagem histórica a teorias que relacionam o trato ao corpo, Educação Física e Saúde. Estudo de abordagens a elementos comuns ao campo da educação física e esporte – atividade física, lazer, esporte – que guardam relação com a saúde coletiva e individual direta e indiretamente. Políticas públicas de saúde e políticas públicas educacionais.

### **Bibliografia Básica:**

Educação física escolar: olhares a partir da cultura. Campinas: Autores Associados, 2010. 152p.

STIGGER, MARCO PAULO. Educação física, esporte e diversidade. . Campinas, SP: Autores Associados, 2005. 125pp.

DE MARCO, ADEMIR. Educação física: cultura e sociedade, contribuições teóricas e intervenções da educação física no cotidiano da sociedade brasileira. 3. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010. 191pp.

### **Bibliografia Complementar**

GONDRA, José. Artes de Civilizar: Medicina, Higiene e Educação escolar na Corte Imperial – Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

SOARES, Carmem Lúcia. Educação Física e Raízes Europeias , 2ª ed, Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (Coleção educação contemporânea).

GONCALVES, Aguinaldo. Et al. Saúde Coletiva e Urgência em Educação Física e Esportes. 1a ed., v.1, 190p., Campinas, SP Papyrus, 1997.

BENEDETTI, Tania R. Bertoldo Et al. A formação do Profissional de Educação Física para o Setor Saúde Florianópolis. Ed. Postmix. 2014.

MOREIRA, Wagner Vey. Educação Física, Esporte, Saúde e educação. Uberaba. Ed. UFTN. 2010.

## **TÓPICOS ESPECIAIS EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E ESPORTES**

TCH: 72

Ementa: Introdução à sociologia, principais autores e conceitos gerais. Reflexões sobre Educação Física, Esporte, sociedade e grupos sociais específicos, bem como, refletir sobre os campos de atuação em Educação Física e Esportes.

### **Bibliografia Básica:**

CAPARROZ, Francisco Eduardo. Entre a educação física na escola e a educação física da escola: a educação física como componente curricular. 3.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. 189p.

SERGIO, Manuel. Educação física ou ciência da motricidade humana? 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1991. 104p.

MEDINA, João Paulo Subira. A educação física cuida do corpo e "mente": bases para a renovação e transformação da educação física. 8. ed.

Campinas, SP: Papyrus, 1989. 96p.

### **Bibliografia Complementar:**

SOLER, REINALDO. Educação física: uma abordagem cooperativa. . Rio de Janeiro: Sprint, 2006. 184p.

- FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.
- MARINHO, Inezil Penna. História da educação física no Brasil. São Paulo: Cia. Brasil, [s.d.].
- SHAFF, Adam. História e verdade. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983
- GRIFI, Giampiero. História da Educação Física e do Esporte. Porto Alegre: Luzzatto 1989.

## 9. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

O sistema de avaliação da aprendizagem do curso de Educação Física da UFGD segue os princípios constantes no Regimento Interno da instituição, garantindo, a partir dessas premissas, ampla liberdade ao corpo docente para definir o processo de avaliação de aprendizagem dos alunos.

Ainda, cumpre destacar que o Conselho Diretor da Faculdade aprova os programas e planos de ensino, nos quais consta o processo de avaliação, elaborado por cada docente, em reunião específica no início de cada semestre letivo. A forma de avaliação usada por cada professor é determinada por ele neste Plano de Ensino. O Sistema de avaliação ou de verificação da aprendizagem é regulamentado pela Resolução CEPEC nº 53 de 01/07/2010, e unificado para todos os cursos de graduação da UFGD. Compreende a frequência e o aproveitamento, através da média final resultante das médias de provas e trabalhos, prova substitutiva e exame final. Em cada disciplina a programação deve prever, no mínimo, duas avaliações escritas por semestre e uma avaliação substitutiva. Para cada disciplina cursada o professor deve consignar ao aluno graus numéricos de 0,0 (zero vírgula zero) a 10,0 (dez vírgula zero). Para ser aprovado na disciplina, o aluno deverá obter frequência igual ou superior a 75% e Média de Aproveitamento (MA) igual ou superior a 6,0 (seis vírgula zero). O acadêmico que, submetido ao EF, obtiver Média Final (MF) igual ou superior a 6,0 (seis vírgula zero) é considerado aprovado. O Exame Final (EF) de cada disciplina deve ser realizado de acordo com o Calendário Letivo previsto para o Curso.

Ao acadêmico que deixar de fazer os trabalhos acadêmicos ou deixar de comparecer às provas e trabalhos e exames parciais e finais, é atribuída a nota 0,0 (zero vírgula zero) a cada atividade.

O número, a forma, as alternativas e as modalidades de trabalhos acadêmicos são fixados pelo professor em seu Plano de Ensino (verificar Regulamento Geral dos Cursos de Graduação da UFGD), aprovado pelo Conselho Diretor e divulgado aos acadêmicos no início de cada período letivo.

O professor deve divulgar e afixar as notas, nas respectivas secretarias acadêmicas ou em locais previamente definidos. As notas das provas e trabalhos acadêmicos deverão ser divulgadas até dez dias úteis após sua realização, e as notas do exame final, até cinco dias após a sua realização.

As disciplinas de Trabalho de Graduação, Estágio Supervisionado e Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento são regidas por regulamento próprio.



O processo avaliativo deve ser capaz de verificar o domínio de conteúdos específicos de cada disciplina; a capacidade de estabelecer relações entre os conteúdos vistos no âmbito da mesma disciplina e entre os das demais disciplinas do currículo; o tipo de posicionamento do aluno frente ao conhecimento científico. Para tanto, são adotados instrumentos diversificados de avaliação por meio de mecanismos diretos tais como trabalhos escritos individuais e em grupo, com e sem consulta, produzidos em sala e fora dela, seminários, relatórios, resenhas e auto avaliação.

O processo ensino-aprendizagem também é verificado por avaliação realizada por meio de mecanismos indiretos que, embora não quantificada em termos numéricos, permite ao professor a observação do grau de interesse e de envolvimento do aluno frente a atividades extracurriculares – participação em eventos, em projetos desenvolvidos pela Faculdade, o interesse por questões relacionadas ao campo profissional da habilitação; etc. E essa observação também auxilia no direcionamento e redirecionamento em relação ao planejamento de atividades, projetos e eventos promovidos pela Faculdade.

Em termos gerais, o processo de avaliação de ensino-aprendizagem deve, basicamente, pautar-se pela coerência das atividades em relação à concepção e aos objetivos do Projeto Pedagógico e ao perfil do profissional formado em Educação Física.

## **9.1 SISTEMA DE AUTO-AVALIAÇÃO DO CURSO**

Ao longo dos anos de funcionamento o curso de Educação Física vem promovendo sua auto-avaliação, respaldando-se em indicadores de qualidade quantitativos e qualitativos. Os aspectos quantitativos que vêm subsidiando a avaliação do curso incidem em dados de fluxo estudantil como número de candidato-vaga no processo seletivo, taxas de evasão, repetência, aprovação, entre outros que são comparados com os dados estatísticos oficiais fornecidos pelo INEP. Como aspectos qualitativos há o acompanhamento da inserção do egresso do curso no mercado de trabalho, inclusive com o acompanhamento dos resultados dos concursos públicos, bem como a realização de reuniões específicas de avaliação desencadeadas pelo Conselho Diretor da FAED, além de outros indicadores qualitativos tomados como referência a partir das Semanas Pedagógicas promovidas pelo curso, quando há momentos de discussão entre discentes, docentes e egressos.

## **9.2 AVALIAÇÃO EXTERNA**

A avaliação externa é composta pelos mecanismos de avaliação do MEC, através do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes – ENADE previsto pelo Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior (SINAES), e indiretamente pela sociedade onde estarão atuando os profissionais formados pela Instituição.

## **9.3 AVALIAÇÃO INTERNA**

A avaliação interna é baseada no levantamento de uma gama de indicadores de desempenho da Instituição, cujos resultados podem subsidiar o dimensionamento do nível de satisfação dos docentes, discentes e funcionários com o trabalho e envolvimento no âmbito do curso de Educação Física. Para incrementar e auxiliar a sistemática de avaliação, o Curso de Educação Física realizará periodicamente uma auto-avaliação do Curso, através de questionários direcionados aos acadêmicos, professores e outros instrumentos de avaliação, objetivando avaliar a eficiência, satisfação e auto-realização dos envolvidos no curso, se necessário, propor mudanças no mesmo.

Além desses procedimentos, cumpre ressaltar que o curso de Educação Física também é avaliado dentro do contexto da auto-avaliação institucional, realizada pela Comissão Própria de Avaliação (CPA) institucional, de acordo com a lei nº 10861/2004, que trata do Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior (SINAES).

## **9.4 PARTICIPAÇÃO DO CORPO DISCENTE NA AVALIAÇÃO DO CURSO**

O Curso de Pedagogia deverá realizar periodicamente avaliações das disciplinas, através de questionários direcionados aos acadêmicos, professores e funcionários, objetivando avaliar a eficiência, satisfação e auto-realização dos envolvidos no Curso, e se necessário, propor mudanças no mesmo.

## **10 ATIVIDADES ACADÊMICAS ARTICULADAS AO ENSINO DE GRADUAÇÃO**

O curso incentiva os alunos a desenvolver atividades como monitoria, iniciação científica, atividades de extensão, projetos de ensino, visitas técnicas, viagens pedagógicas.

### **10.1 PARTICIPAÇÃO DO CORPO DISCENTE NAS ATIVIDADES ACADÊMICAS**

A participação de acadêmicos do Curso de Educação Física nas atividades acadêmicas pode acontecer de várias formas, conforme a descrição específica das atividades principais:

**Bolsa Pró-Estágio:** A UFGD mantém via Pró-reitoria de Gestão de Pessoas (PROGESP) modalidade de apoio para acadêmicos matriculados em cursos de graduação, mediante edital próprio.

**Bolsa de Monitoria:** A UFGD mantém duas categorias de monitoria de graduação: voluntária e remunerada. O Edital é lançado pela PROGRAD.

**Bolsa PIBID:** A UFGD desenvolve o seu Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, com o apoio da CAPES e atuação de bolsistas do curso de Educação Física, em conjunto com bolsistas de outros cursos de licenciatura da Universidade, nas escolas públicas da cidade de Dourados, visando treinamento de alunos para a docência na educação básica e uma maior aproximação com a educação básica.

**Bolsa de Iniciação Científica:** As bolsas de Iniciação Científica destinam-se a estudantes de cursos de graduação que se proponham a participar, individualmente ou em equipe, de projeto de pesquisa desenvolvido por pesquisador qualificado, que se responsabiliza pela elaboração e implementação de um plano de trabalho a ser executado com a colaboração do candidato por ele indicado. As bolsas de pesquisa provêm de recursos financeiros do PIBIC/CNPq e da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFGD.

**Participação de alunos em eventos técnicos, ou atividades de extensão:** A participação de alunos em Congressos, encontros técnicos, seminários, e simpósios,

cursos ou atividades de extensão é apoiado pelas Pró-Reitorias de Pesquisa e Pós-graduação (PROPP) e pela Pró Reitoria de Extensão (PROEX) para os alunos que participam oficialmente de projetos de pesquisa ou de extensão.

**Bolsa de Projeto de Ensino de Graduação:** as bolsas de projetos de ensino são destinadas aos estudantes de cursos de graduação que se proponham a participar de projeto de ensino, desenvolvido por professores do curso. As bolsas de ensino são oferecidas com recursos financeiros da Pró - Reitoria de Ensino de Graduação.

**Atividades acadêmicas articuladas ao ensino de graduação:** Essas atividades como parte integrante da presente proposta curricular o Curso de Educação Física da UFGD considera como componentes essenciais as atividades de estágio supervisionado, as atividades teórico-práticas de aprofundamento e o Trabalho de Conclusão de Curso como eixo fundamental da formação. As políticas internas desses componentes curriculares são explicitadas a seguir:

## **11. ATIVIDADES TEÓRICO-PRÁTICAS DE APROFUNDAMENTO (ATPA)**

Essas atividades serão monitoradas por uma central específica que tem a sua frente um professor designado pela Faculdade de Educação para o trabalho de análise das atividades que os alunos realizam no contexto do curso de Pedagogia tanto quanto em outros espaços de formação. Para tanto, a FAED possui um regulamento de atividades teórico-práticas de aprofundamento que disciplinam as normas e regras para o cumprimento da carga horária prevista para esses momentos.

A dimensão dessas atividades dentro da presente proposta consiste em estabelecer um espaço de autonomia do próprio acadêmico a sua formação, de acordo com os seus interesses específicos, consolidando-se, somadas ao espaço das disciplinas optativas, como *lócus* de flexibilização curricular.

Para tanto, a FAED disponibiliza um leque de atividades destinadas ao corpo discente com vistas ao cumprimento da carga horária de 240 horas, previstas na legislação vigente, como atividades de monitoria, iniciação científica e extensão, além de seminários, eventos científicos e outras atividades, possibilitando ao próprio aluno realizar tais atividades sem custos e dentro do próprio espaço institucional. Essas diretrizes não impedem que o aluno possa procurar o desenvolvimento dessas atividades em outros espaços de formação.

## **12. A PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

As atividades práticas entendidas como componentes curriculares vêm diluídas junto às disciplinas consideradas de cunho teórico-prático, respeitadas às quatrocentas horas mínimas previstas na legislação vigente, especificamente essa proposta pedagógica prevê um total de 486 horas/aula. A carga horária como prática como componente curricular estão discriminadas na tabela 7.3.5.

A concepção de prática aqui inserida fundamenta-se no Parecer CNE-CP nº 28/2001 ao informar que:

A prática como componente curricular é, pois, uma prática que produz algo no âmbito do ensino. Sendo a prática um trabalho consciente cujas diretrizes se nutrem do Parecer 9/2001 ela terá que ser uma atividade tão flexível quanto outros pontos de apoio do processo formativo, a fim de dar conta dos múltiplos modos de ser da atividade acadêmico-científica. Assim, ela deve ser planejada quando da elaboração do projeto pedagógico e seu acontecer deve se dar desde o início da duração do processo formativo e se estender ao longo de todo o seu processo. Em articulação intrínseca com o estágio supervisionado e com as atividades de trabalho acadêmico, ela concorre conjuntamente para a formação da identidade do professor como educador. Esta correlação teoria e prática é um movimento contínuo entre saber e fazer na busca de significados na gestão, administração e resolução de situações próprias do ambiente da educação escolar.

Diante dessa concepção integra-se a prática à teoria como formas indissociáveis dos saberes e fazeres pedagógicos presentes no contexto dos espaços escolares e não escolares.

## **13. ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Como previsto na Resolução CNE/CP Nº 2/2015, o estágio supervisionado deve ter no mínimo 400 horas. No caso deste projeto pedagógico é composto por 486 horas, distribuídas ao longo da segunda metade de desenvolvimento do curso, sendo 162 horas para a educação infantil, 162 horas para o ensino fundamental e 162 horas para o ensino médio.

A partir da concepção do pedagogo-docente a gestão educacional é desenvolvida como parte integrante e articuladora nos momentos dos estágios, na medida em que

prevê ações integradas de gestão e docência quer nos espaços formais como não formais, tanto na dimensão da educação infantil como na dimensão dos anos iniciais do ensino fundamental.

Para a realização do Estágio Supervisionado a Faculdade de Educação, acreditando na importância da interação entre instituição formadora e instituições de educação básica, desenvolve convênios e parcerias com as principais redes de educação básica do município que são a Secretaria Municipal de Educação de Dourados e a Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul, pode-se ainda estabelecer convênios com escolas e instituições da rede privada de ensino que se destacam no cenário local.

A COES (Comissão de Estágio Supervisionado) é o órgão próprio dentro da Faculdade de Educação responsável pela condução do estágio nos cursos de licenciatura vinculados à Educação, de forma a desenvolver ações de acompanhamento, supervisão, execução e avaliação, e implementando as políticas institucionais, conforme previsto no Regimento Interno da UFGD.

A redução de carga horária das experiências anteriores dos alunos enquanto docentes como atividades de estágio curricular são regulamentadas pela COES dentro de suas atribuições regimentais.

O curso prevê também a possibilidade de realização de estágio não-obrigatório nas áreas compatíveis com a formação do aluno, conforme análise realizada pelo supervisor de estágio a partir do plano de atividades proposto entre as partes para a realização do estágio.

#### **14. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)**

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se insere como uma forma de sistematização das reflexões desencadeadas pelo processo de desenvolvimento das disciplinas Métodos e Técnicas de Pesquisa, Trabalho de Conclusão de Curso I e Trabalho de Conclusão de Curso II presente em todas as séries do curso. Além da orientação geral coordenada pelo professor responsável de cada disciplina, o aluno terá a oportunidade de conhecer os diferentes temas e processualmente ir se definindo para sua escolha pessoal do tema a ser pesquisado. As orientações devem ser realizadas de forma individualizada, embora compartilhadas nos momentos das reflexões gerais realizadas em grupos. Cabe orientar os acadêmicos que os temas escolhidos, embora

respeite a escolha individualizada, deve estar vinculado, preferencialmente, às áreas de pesquisa dos orientadores.

Haverá a realização de defesas de monografias e/ou artigos científicos constituídas por bancas de avaliação específicas, conforme descreve o regulamento de trabalho de conclusão de curso da Faculdade de Educação.

## 15. CORPO DOCENTE

PROFESSOR	TITULAÇÃO	EXPERIÊNCIA
Alcimar Silva de Queiroz	Doutor em Educação com Pós Doutorado	02 anos de ensino na graduação
Aline Maira da Silva	Doutora em Educação	08 anos de ensino na graduação
Andreia Vicência Vitor Alves	Mestre em Educação	04 anos de ensino na graduação e 11 anos de ensino fundamental
Daniel Traina Gama	Doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias	07 anos de ensino na graduação, 05 anos na pós-graduação <i>lato sensu</i> .
Gustavo Levandoski	Graduação em Educação Física e Doutor em Educação Física	8 anos no ensino na graduação, 6 anos na pós-graduação <i>lato sensu</i> , 1 ano na pós-graduação <i>stricto sensu</i>
Jacqueline da Silva Nunes Pereira	Mestre em Educação	10 de ensino na graduação, 05 anos na pós-graduação <i>lato sensu</i>
Josiane Fujisawa Filus de Freitas	Graduação em Educação Física e Doutor em Educação Física	9 anos no ensino na graduação, 03 anos na pós-graduação <i>lato sensu</i>
Manuel Pacheco Neto	Doutor em Educação	14 anos de ensino na graduação, 12 anos na pós-graduação <i>lato sensu</i> e 20 anos de ensino fundamental
Marina Vinha	Doutora em Educação Física	17 anos de ensino na graduação, 07 anos na pós-graduação <i>lato sensu</i> e 08 anos na pós-graduação <i>stricto sensu</i>
Mário Sérgio Vaz da Silva	Doutor em Ciências	16 anos de ensino na graduação e 12 anos na pós-graduação <i>lato sensu</i> .
Rosemeire de Lourdes Monteiro Ziliani	Doutora em Educação	11 anos de ensino na graduação, 01 anos na pós-graduação <i>stricto sensu</i> e 14 anos de ensino fundamental e Médio
Pablo Christiano Barboza Lollo	Doutor em Alimentos e Nutrição com pós-doutorado	04 anos de ensino na graduação, 02 anos na pós-graduação <i>lato sensu</i>

## 16. CORPO TÉCNICO ADMINISTRATIVO

Eveline de Oliveira Gomes	Coordenadora Administrativa da FAED Mestre em Administração
Célia Regina Araújo	Secretária de Graduação da FAED Graduada em Administração
David Alan Perin	Apoio ao LABEF 1, LABEF 3 e LABEF 4 Ensino Médio
Etiene Paula da Silva Diniz	Técnica de apoio à SecLab1 Graduado em Educação Física
Fernanda dos Santos Lima	Secretária de Pós-graduação Graduada em Ciências Contábeis
José Tiago Paulino Viana	Técnico de apoio a SecLab2 Graduando em Ciência da Computação
Kátia Cristina Silva Mineli	Secretária de Apoio Acadêmico Especialista em Administração Pública
Kleber Ferreira da Silva	Apoio Acadêmico à Pós-Graduação. Mestre em Educação
Markley Florentino Carvalho	Técnica de apoio a SecLab1 Graduado em Biblioteconomia
Paula Abrão da Cunha	Apoio à Coordenadoria Administrativa Graduada em Direito
Rejane Manfré	Secretária Administrativa da FAED Graduado em Enfermagem

Além deste corpo técnico-administrativo específico da FAED, está à disposição do curso um conjunto de servidores compartilhados relacionados à biblioteca, arquivo, atividades de limpeza e segurança, informática, transporte etc.

## **17. INSTALAÇÕES FÍSICAS**

### **17.1 Instalações Gerais da UFGD**

#### **Instalações Existentes**

##### **Unidade I**

- a) Salas distribuídas em 03 blocos que dão suporte à administração geral da UFGD.
- b) Auditório.
- c) 01 piscina semiolímpica (25m de comprimento) contendo 06 raias
- d) 01 quadra poliesportiva descoberta com medidas oficiais mínimas
- e) Biblioteca Setorial

##### **Unidade II**

- a) Salas de aulas distribuídas em 11 blocos que agregam as seguintes faculdades:  
Faculdade de Educação; Faculdade de Ciências Biológicas e Ambientais;  
Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia; Faculdade de



Ciências Humanas; Faculdade de Ciências Agrárias; Faculdade de Comunicação, Artes e Letras; Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia, Faculdade Intercultural Indígena, Faculdade de Engenharia e a Faculdade de Ciências da Saúde.

- b) Restaurante Universitário.
- c) Biblioteca Central com 8.000 metros de área construída bastante ampla, com um acervo de livros adequados aos cursos oferecidos. Dentre essa grande quantidade de obras, constam as não pouco numerosas bibliografias referentes aos cursos de Medicina, Biologia e Pedagogia. Essas obras serão de grande utilidade para o Curso de Licenciatura em Educação Física da UFGD, já que trazem consigo uma vasta gama de conhecimentos atinentes à construção dos saberes relativos à área da Educação Física Escolar e dos Desportos. Cumpre ainda acrescentar que, além deste acervo, o Curso de Educação Física também conta, desde o início, com acervo específico da área.

### **17.2 Instalações Específicas do Curso de Educação Física Existentes**

- a) 01 Laboratório de Anatomia Humana (da Faculdade de Ciências da Saúde).
- b) 01 Laboratório de Nutrição (da Faculdade de Ciências da Saúde).
- c) 01 Piscina Olímpica, de 50 metros de comprimento com 10 raias, guarnecida de vestiários masculino e feminino, com vasos sanitários, mictórios e chuveiros, com salas para realização de avaliações físicas e médicas.
- d) 01 Quadra Poliesportiva Coberta (basquetebol, voleibol, futsal e handebol) com medidas oficiais determinadas pelas respectivas Instituições normativas de cada modalidade.
- e) 01 Quadra Poliesportiva descoberta (basquetebol, voleibol, futsal e handebol) com medidas oficiais determinadas pelas respectivas Instituições normativas de cada modalidade.
- f) 03 Salas Multiuso para que possam atender as atividades de expressão corporal, motoras e ginástica olímpica. Cada sala terá suas características específicas para atender as especificidades das modalidades:
  - a. Sala 1 – piso emborrachado que promova a absorção de impactos.
  - b. Sala 2 – piso adequado à prática de atividades rítmicas e motoras.
  - c. Sala 3 – Teto com altura adequada que promova a segurança dos alunos para a prática de saltos na modalidade de ginástica olímpica.
- g) 01 esteira ergométrica de teste de esforço.
- h) 04 esteiras ergométricas de condicionamento físico.
- i) 01 bicicleta ergométrica de condicionamento físico.
- j) 04 Aparelhos de exercícios resistidos, além de halteres, anilhas e barras.
- k) 01 filmadora convencional.
- l) Materiais de suporte para natação (boias, pranchas, etc.).
- m) Equipamentos de ginástica olímpica (cama elástica, tatames, plintos, traves, etc.).
- n) Bolas para atender as diversas modalidades esportivas.
- o) Materiais audiovisuais, sendo 03 data shows e 05 retroprojetores;

### **17.3 Instalações Específicas do Curso de Educação Física a serem construídas a médio prazo**

- a) 01 Campo gramado de Futebol com medida Oficial determinada pela FIFA.

- b) 01 Campo gramado de Futebol Suíço com medida de 60m de comprimento e 40 metros de largura.
- c) 01 Pista oficial de Atletismo determinado pela FIA.
- d) 01 Campo de areia com medidas de 55m de comprimento por 30m de largura, que irá abrigar o campo de futebol e uma quadra para Voleibol de Areia.
- e) 01 Pista de *Cross Country* instalada na fazenda-escola, explorando os aspectos ambientais do local.
- f) 01 filmadora para filmagem subaquática.
- g) Aparelhos de avaliação física (adipômetros, monitores cardíacos, fitas antropométricas, banco de Wells, balança antropométrica).

Todas essas instalações e dependências físicas atenderão, a contento, a fluidez das aulas e de todos os trabalhos desenvolvidos no Curso de Educação Física.

## 18. BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. **Reflexões:** a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – 1ª a 4ª séries.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – 5ª a 8ª séries.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio.** Brasília: MEC, 1998.

Conselho Nacional de Educação. **Câmara de Educação Superior.** Resolução nº 7, de 31 de março de 2004.

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa.** 6 ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

FREIRE, João Batista; VENÂNCIO, Silvana (Orgs.). **O jogo dentro e fora da escola.** Campinas: Autores Associados, 2005.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro:** teoria e prática da educação física. São Paulo: scipione, 1989.

MAITINO, Edison M. **Saúde na Educação Física Escolar.** Bauru: Mimesis, v. 21, n. 01, p. 73-84, 2000.

MELLO, Alexandre Moraes de. **Psicomotricidade, Educação Física e Jogos Infantis.** 3 ed. São Paulo: Ibrasa, 1989.

MEC, Universidade Federal da Grande Dourados. **Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI),** 2008-2012.

MOREIRA, Wagner Wey. **Educação Física Escolar:** uma abordagem fenomenológica. 3 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

NETO, Carlos Alberto Ferreira. **Motricidade e Jogo na Infância.** 2 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

**Projeto Político-Pedagógico do Curso de Pedagogia.** Faculdade de Educação. Universidade Federal da Grande Dourados, 2007.

## **ANEXOS**

### **ANEXO**

#### **REGULAMENTO DO NUCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA FAED-UFGD**

##### **CAPÍTULO I**

###### **Da Finalidade**

Art. 1º O presente Regulamento disciplina a composição, atribuições e funcionamento do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Licenciatura em Educação Física da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (FAED/UFGD);

Art.2º O NDE constitui-se de uma equipe de docentes, com atribuições acadêmicas, de natureza consultiva, atuante no processo de concepção, consolidação, avaliação e contínua atualização do desenvolvimento do projeto pedagógico do curso de graduação em Educação Física.

##### **CAPITULO II**

###### **Da Constituição do Núcleo Docente Estruturante**

Art. 3º A composição do NDE será indicada pela Comissão Permanente de Apoio as Atividades do Curso e nomeada pelo Conselho Diretor da Faculdade de Educação, garantindo em sua composição:

I - 5 (cinco) docentes pertencentes ao corpo docente do Curso, dentre eles o Coordenador do Curso e um docente da área ensino;

II - No mínimo 60% (sessenta por cento) dos seus membros devem possuir título de mestre ou doutor;

III - No mínimo 20 % (vinte por cento) dos seus membros devem ter regime de trabalho de tempo integral e dedicação exclusiva (DE);

IV - Todos os membros do NDE devem ter regime de trabalho no mínimo parcial (20 horas semanais) e formação de pós-graduação no mínimo de especialização.

Parágrafo Primeiro - Os membros do NDE terão mandatos de 3 (três) anos, permitida a recondução;

Parágrafo Segundo – Na passagem de mandato, será garantida, por prorrogação de mandato, a continuidade de 40% dos membros para assegurar que a renovação ocorra de forma parcial, para que haja continuidade no processo de acompanhamento do curso.

IV - Assegurar estratégia de renovação parcial dos integrantes do NDE de modo a assegurar continuidade no processo de acompanhamento do curso.

Parágrafo Único.

Art. 4º O NDE será presidido por um de seus membros, eleito pela maioria, para um mandato de 3 (três) anos, podendo ser reconduzido.

Parágrafo Único: Pelo mesmo processo e a mesma época será indicado o vice-presidente que o substituirá nas faltas e impedimentos e na falta deste substituí-lo-á o docente mais antigo do NDE.

### **CAPÍTULO III**

#### **Das Atribuições do Núcleo Docente Estruturante**

Art. 5º São atribuições do Núcleo Docente Estruturante (NDE):

I - Contribuir para a consolidação do perfil profissional do egresso do curso;

II - Zelar pela integração curricular interdisciplinar entre as diferentes atividades de ensino constantes no currículo;

III - Participar de forma ativa das ações de auto avaliação do curso e contribuir para o desenvolvimento das ações necessárias;

IV - Indicar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades da graduação, de exigências do mercado de trabalho e afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do curso; e

V - Zelar pelo cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso.

### **CAPÍTULO IV**

#### **Das Atribuições do Presidente do Núcleo Docente Estruturante**

Art. 6º Compete ao presidente do Núcleo:

I - Convocar e coordenar as reuniões;

II - Representar o NDE junto à administração da instituição; e

III - Encaminhar as indicações do NDE à Comissão de Apoio Curso.

## **CAPÍTULO V**

### **Das Reuniões**

Art. 7º O NDE reunir-se-á, ordinariamente, por convocação de seu presidente, uma vez por bimestre e, extraordinariamente, sempre que convocado por seu presidente ou pela maioria de seus membros.

Art. 8º As indicações do NDE serão tomadas por maioria simples de votos de seus membros, considerados os presentes na reunião.

Art. 9º Para efeito de acompanhamento e histórico das ações do Núcleo, todas as reuniões deverão ser lavradas em ata, que serão arquivadas na secretaria do curso.

## **CAPÍTULO VI**

### **Das Disposições Finais**

Art. 10º Os casos omissos neste regulamento serão resolvidos pela Coordenação do Curso de Licenciatura em Educação Física e, no que couber, pelo Conselho Diretor da Faculdade de Educação.

Art. 11º. Alterações no presente regulamento poderão ser propostas por discentes e docentes, devendo ser aprovadas pelo Conselho Diretor.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

- - **RESOLUÇÃO Nº. 180, DE 03 DE AGOSTO DE 2016**
  - 
  - **O CONSELHO DIRETOR DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAED,** da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, no uso de suas atribuições legais, RESOLVE:
  - 
  - I - Instituir o Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de Educação Física – Licenciatura - da FAED, para o mandato de novembro/2015 a novembro/2017, com a seguinte composição:
    - 
    - - Mario Sergio Vaz da Silva (Presidente)
    - - Daniel Traina Gama
    - - Marina Vinha
    - - Manuel Pacheco Neto
    - - Pablo Christiano Barboza Lollo
    - - Jacqueline da Silva Nunes Pereira
    - 
    - II – Convalidar os atos da os atos da referida Comissão praticados a partir de 01 de novembro de 2015.
    - 
    - 
    - 
    -
  - 
  - **ELISANGELA ALVES DA SILVA SCAFF**
    - **Presidente**